

The background of the entire page is a dense, repeating pattern of black and white images of vintage typewriters and cassette tapes. The typewriters are of various models, some with their carriage returns visible. The cassette tapes are also of different types, some showing the tape reels. The pattern is slightly offset in different directions, creating a sense of movement and depth.

**SESI
CULTURAL**
DIVERSÃO QUE TRANSFORMA.

Núcleo de Dramaturgia

A nova geração
de autores

2015



Núcleo de Dramaturgia

A nova geração
de autores

2015

Em abril de 2014, nasceu o Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural. Desde então, com formato exclusivo, o projeto vem descobrindo e contribuindo para a inclusão de novos autores no mercado das artes cênicas no estado do Rio. Se na primeira edição ajudar na criação de textos individuais foi empolgante, na segunda foi ainda melhor. E mais desafiador. Em um cenário que exige cada vez mais cocriação e colaboração em qualquer atividade, a proposta foi desenvolver obras coletivas, somando experiências e, sobretudo, harmonizando ideias.

Para fazer desse novo formato um sucesso, o SESI Cultural convidou três nomes conceituados no universo da dramaturgia: Diogo Liberano, Marcia Zanelatto e Walter Daguerre. Entre 2015 e 2016, o trio orientou e trocou experiências com os novos autores, dando todo o suporte necessário para o desenvolvimento dos textos desta edição. Além disso, os alunos participaram de palestras com Bosco Brasil, autor de teatro, rádio, cinema e TV, e com a produtora teatral Claudia Marques, que deu dicas sobre como promover seu próprio espetáculo.

Neste livro estão os textos criados coletivamente pela segunda turma do Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural. São eles: "A vida que nos chega", "E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade" e "Enquanto memórias morrem". A publicação também conta com o perfil de cada um dos autores.

Em agosto de 2016, aconteceram as Leituras Dramatizadas, no Teatro SESI Centro, sob a direção de Fabiano de Freitas e com um elenco formado por Adriana Bellonga, Gilson de Barros, Juracy de Oliveira, Nely Coelho, Pedro Nunes e Victor Seixas. Os três textos foram avaliados por uma banca formada pelo dramaturgo Marcio Abreu, o diretor Vinicius Arneiro e o Supervisor de Cultura do Teatro SESI Centro, Alessandro Martins, que escolheram "E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade" para ser montado pelo SESI Cultural e encenado em sua rede de teatros.

Foi um ano e meio de muito trabalho e dedicação por parte de todos os envolvidos. Um grande time formado por alunos, orientadores, atores, diretor, palestrantes e equipe técnica, que contribuiu para o principal papel do Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural: incentivar, desenvolver e promover novos talentos da dramaturgia no estado do Rio de Janeiro.

Boa leitura.

Divisão de Cultura e Arte
Sistema FIRJAN

Diogo Liberano

orientador

Diogo Liberano é artista, pesquisador graduado em Artes Cênicas – Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC) pela mesma instituição. É professor da Faculdade CAL de Artes Cênicas e diretor artístico da companhia carioca Teatro Inominável, criador dos espetáculos *Não dois*; *Vazio é o que não falta*, *Miranda*; *Como cavalgar um dragão* (que dirige junto com Flávia Naves); *Sinfonia sonho*; *Concreto armado* (que escreveu junto com Keli Freitas); e da performance *O narrador*. Junto à companhia, assina a curadoria e a direção-geral da *Mostra Hífen de Pesquisa-Cena*, mostra bienal de Artes da Cena, desde 2012. Por seu trabalho como diretor e dramaturgo, foi indicado aos principais prêmios de teatro do Rio de Janeiro: Prêmio Shell (em 2015, pela dramaturgia de *O narrador* e, em 2016, pela de *Os sonhadores*), Cesgranrio (em 2015, pela dramaturgia de *O narrador* e pela direção de *A Santa Joana dos Matadouros*, junto com Marina Vianna e, em 2016, pela dramaturgia de *Os sonhadores*), APTR (em 2013, pela dramaturgia de *Maravilhoso*) e Questão de Crítica (em 2012, pela direção de *Sinfonia sonho* e pela curadoria e direção-geral da primeira edição da *Mostra Hífen*).



Havia sido convidado para criar e pensar, junto à segunda turma do Núcleo de Dramaturgia SESI Rio de Janeiro, sobre a dramaturgia a partir de processos colaborativos. É sabido que a criação dramática é arredia aos manuais que tentam defini-la, porém, ainda assim, é preciso tentar reconhecer seus limites e tramas com intuito de, justamente, evidenciar sua inesgotável potência. Junto a uma diversificada e intrigante turma de alunas e alunos, vi o meu projeto como dramaturgo-professor perder-se e reencontrar-se a cada encontro nosso. Pensar uma dramaturgia criada em processo, talvez, seja algo redundante. Após essa experiência, reconheci como o teor processual parece ser mesmo parte do genoma dramático, afinal, a escrita vai compondo-se em afetação ao tempo presente, aos seres presentes, em meio às revoluções e aos golpes vigentes. Participar desse projeto intensificou o meu amor à literatura dramática, bem como reforçou o meu interesse e desejo na pedagogia desse tão difícil e necessário ofício: o de ser dramaturgo(a). Que o Núcleo de Dramaturgia SESI Rio de Janeiro siga adiante, promovendo experiências entre aqueles que desconfiam que o mundo seja apenas isto tal como nos é mostrado; que o mundo é também escrita-escrito em processo, refém do tempo presente e, portanto, sempre capaz de ser modificado.

Foto: Paula Kossatz



Marcia Zanelatto

orientadora
e coordenadora

Marcia Zanelatto é escritora, mora no Rio de Janeiro.

Recebeu o Prêmio APTR na categoria Melhor Autor 2014 e foi indicada ao Prêmio CESGRANRIO na Categoria Melhor Texto Nacional Inédito, pela peça *Desalinho*. A peça foi contemplada pelo Prêmio BR Cultural 2016. É uma das autoras da peça *Fatal*, direção de Guilherme Leme Garcia, pela qual está indicada, junto com Pedro Kosovski e Jô Bilac, ao Prêmio Shell de Melhor

Texto 2016. Para a mostra *Red Like Embers*, escreveu *Lest we forget*, dirigida por Anna Mors, apresentada no Theatre503, em Londres, e no Theatre Menilmontant, em Paris. É a autora brasileira convidada pelo projeto *Birth*, do Royal Exchange Theatre/ UK, para o qual escreveu a peça *The birth machine*. É idealizadora, diretora-geral e uma das autoras da *Ocupação Rio Diversidade*, realizada no Castelinho do Flamengo, 2016, e da *Ocupação Grandes Minorias*, Teatro Glauce Rocha, 2015. Atualmente, está com as seguintes peças em circulação: o musical *Deixa*

Clarear, uma homenagem à Clara Nunes, *Desalinho* e *Por amor ao mundo – um encontro com Hannah Arendt*, as três com direção de Isaac Bernat; *Hipnose* – uma tragicomédia carioca, com direção de Renato Carrera, e *Eles não têmis naique*, com a Cia. Marginal, dirigida por Isabel Penoni. É criadora e roteirista da série *República do Peru* (TV Brasil e Canal Brasil). É uma das autoras selecionadas para a antologia *Teatro Brasileiro Contemporâneo*, lançada pelo Ministério das Relações Exteriores, em Espanhol, Francês e Sueco. Também recebeu prêmios pelas peças *Eles não usam tênis naique* (Instituto Ford) e *Tempo de Solidão* (Seleção Brasil em Cena do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB).



Há muitos anos sonho com um grupo permanente de estudos de dramaturgia que esteja, ao mesmo tempo, comprometido com o estudo profundo da tradição e com a práxis da ruptura, da invenção. Esse sonho – estamos vendo aqui neste livro e também no palco – começa a virar uma realidade na cidade do Rio de Janeiro por meio do Núcleo de Dramaturgia do SESI. A contribuição desse programa para o desenvolvimento cultural da cidade é histórico, porque nunca houve nada que chegasse perto do que o Núcleo está prestes a tornar-se. Posso antever o teatro carioca despontando para o mundo, em breve, como um teatro que percebe a potência e a complexidade do “Homem do Século XXI”. E, ao ver esses escritorxs lendo o tempo com brilhantismo mundo afora, vamos nos lembrar com carinho desses primeiros passo dados.

Foto: Barbara Copque



Walter Daguerre

orientador

Walter Daguerre é dramaturgo, roteirista e diretor carioca. Tem 20 peças de teatro encenadas, dois filmes realizados e, em televisão, trabalhou no desenvolvimento de várias séries e colaborou na minissérie *Ligações Perigosas*, da Rede Globo. Daguerre tem ainda três peças publicadas e faz parte da coletânea *Dramaturgos Brasileiros Contemporâneos*, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores em diversas línguas.



Participar do Núcleo de Dramaturgia do SESI fez com que eu mergulhasse na minha própria trajetória como autor.

No início da minha carreira, procurava desesperadamente por todo tipo de informação e formação que pudesse auxiliar no meu sonho de um dia viver de escrever. Naquela época, entretanto, quase não havia literatura disponível, a internet no Brasil estava iniciando-se e os cursos tampouco existiam. Como saída, recorri à faculdade de Teoria do Teatro, do qual sou bacharel pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e a livros que ensinavam técnicas de escrita para cinema. Fazer parte, portanto, de uma equipe de profissionais que, juntamente com uma grande instituição, estão permitindo o nascimento de novos dramaturgos é motivo de grande orgulho. E me faz querer dizer para essas moças e esses rapazes: parabéns, pessoal! Vocês são parte de um novo e gratificante tempo.

Foto: Divulgação



Fabiano de Freitas

diretor das leituras
e da montagem do
espetáculo vencedor

Fabiano de Freitas é diretor de teatro, ator e dramaturgo. Diretor artístico de Teatro de Extremos, companhia que completou 10 anos em 2016 com a montagem de *O Homossexual ou a dificuldade de se expressar*, espetáculo que recebeu 13 indicações aos Prêmios Shell, Cesgranrio, APTR e Questão de Crítica, tendo conquistado o APTR pelo figurino e o Questão de Crítica pelo figurino, cenário e ator. Também com Teatro de Extremos

dirigiu os espetáculos *Feriado de Mim Mesmo* (2011), *As Engrenagens* (2010), *Queda* (2009), *Ataraxia* (2006) e a performance *O Destino da Humanidade*, sobre o último roteiro inacabado de Glauber Rocha, entre outros experimentos. Dirigiu também os espetáculos *Pequenas Tragédias*, de Aleksandr Pushkin (2013), e codirigiu *A Vida de Dr. Antonio contada por Elle Mesmo*, de João do Rio (2016). Dirigiu *Favela Rouge* (2009), que fez duas turnês internacionais. Realizou residências artísticas na África do

Sul e na Holanda, e com este último país manteve intenso intercâmbio em vários projetos, dentre eles o *BR_NL Drama*, que traduziu dramaturgos inéditos nos dois países (2012). Diretor artístico do projeto de radioteatro *Radiodrama*. Em 2016, começou a colaborar com o Núcleo de Dramaturgia do SESI no Rio, dirigindo 17 leituras dramatizadas e a montagem do texto *E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade*. Também colabora com o projeto SESC Dramaturgias, do Departamento Nacional do SESC (Goiás, Mato Grosso do Sul, Amapá, Roraima, Bahia e Rio Grande do Norte).

W O dramaturgo é um inventor de mundos. Portanto, um autor não se inventa da noite para o dia. Ele é forjado no dia a dia do teatro, no que talvez seja hoje a mais subversiva das possibilidades humanas: a manipulação da palavra. O autor de teatro faz mais que isso. Pensar a palavra para a cena, o texto, mas escrito para a natureza complexa da encenação, exige do artista a generosidade para com o outro, a capacidade de provocar uma palavra que atravessa um corpo – e que dele depende! – e a possibilidade de escrever uma palavra que é ação, uma palavra que se encarna, que se corporifica. Tomar contato com esses universos impossíveis, inventados sob o devaneio e a atenção desses autores com o mundo em que vivemos e o tempo do presente, é dar conta da continuidade de uma ação ancestral. Conduzir essas palavras junto a atores é resignificar o sentido do próprio teatro, em uma prazerosa ação de sobrevida.

Foto: Bob Maestrelli



Novos autores

Andressa Hazboun

2008, como atriz, no musical *Studio Ribeira*. No mesmo ano, teve a primeira experiência com dramaturgia junto ao Grupo de Ópera Canto Dell'Arte, com o espetáculo *Amor a la Carte*, e, em 2010, com *A Morte da Soprano*. Em 2014, venceu o IV Concurso Jovens Dramaturgos do SESC com o texto *Intervalo* e, no ano seguinte, ingressou no Núcleo SESI de Dramaturgia. Escreveu e dirigiu o esquete *Não Posso Mais Ver Teus Olhos* e dividiu direção e roteiro do espetáculo *Orientación de los Gatos*, para o Festival Dois Pontos de Teatro, no mesmo ano.

Psicóloga e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, iniciou nas Artes em

Foto: Bob Maestrelli



Nascida no Rio de Janeiro, Dani Rougemont começou a trabalhar como atriz e professora no ano de 2003. Graduiu-se em Artes Dramáticas pela Universidade da Cidade, em 2010, e, atualmente, é componente e uma das fundadoras do Limiar

Dani Rougemont

Grupo de Teatro, no qual segue com pesquisa de linguagem, treinamento artístico e realizações de espetáculos, nas funções de atriz e dramaturga. A partir de algumas experiências acadêmicas e de processos colaborativos, deu início aos estudos de Dramaturgia e Roteiro, dentre eles: Roteiro, com Gioconda Coelho, e Dramaturgia Teatral, com Maurício Arruda Mendonça (Armazém Cia. De Teatro). Composto o Núcleo de Dramaturgia Sesi Cultural 2015 / 2016, escreveu também a peça teatral *Ininterrupto*.



Foto: Bob Maestrelli

Mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); ator profissional, formado pela

Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna; advogado, bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como ator, participou recentemente dos seguintes espetáculos: *Epa! Estudos para quase nada*, com direção de Fabianna de Mello e Souza; *Sopro*, *Nossos espaços vazios* e *Crianças de Terezín*, do Núcleo de Pesquisa Corporal em Dança para Atores, dirigidos por Roberto Lima; *Juízo Final*, com direção de Marcos Henrique do Rego. Frequentou cursos no Brasil ministrados por Eve Doe Bruce (Théâtre du Soleil, França), Sarkis Tcheumlekdjian (Compagnie Premier Acte, França), Enrico Bonavera (Piccolo Teatro di Milano, Itália), Fabianna de Mello e Souza (Cia. Teatral dos Bondrês), Companhia AMOK de Teatro, Grupo Teatral Moitará e Cia PeQuod.

Felipe Pedrini

Foto: Divulgação



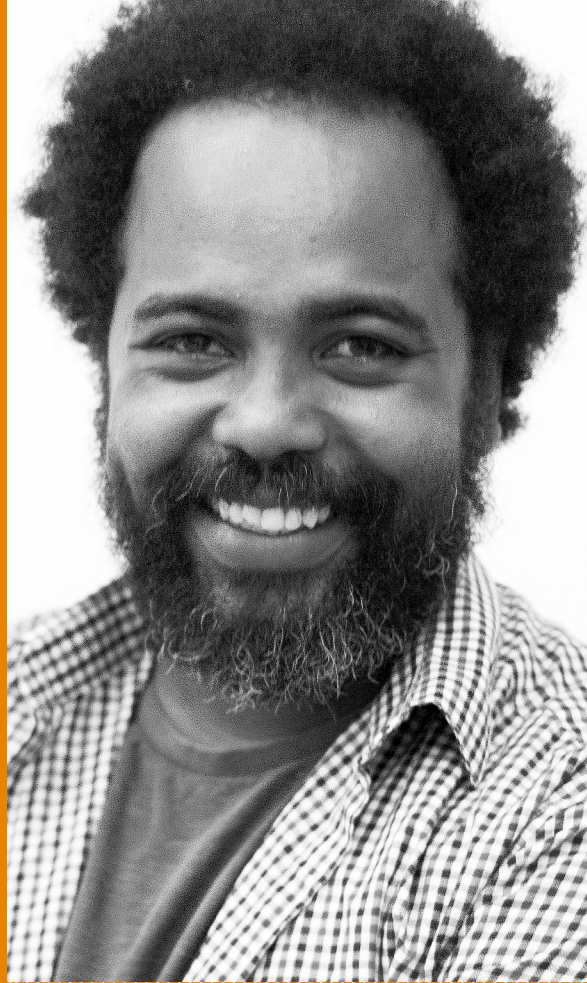
Gabriel Barros flana pela “rîve gôche” (é, assim mesmo!) da cena artística carioca com desenvoltura e segurança únicas. Dos “sebos segredos-bem-guardados” cariocas às “megaestores gourmetizantes”, seu trânsito é livre: vai das rinhas de galo itinerantes aos *petit comité* de medalhões *cult* bacaninhas, sem nunca trair o botequim. Seu idioma é amplo, nele cabem muitas variantes. Gabriel

Gabriel Barros

Barros é filho de Dioniso, batizado no fogo de Artaud. Sua linguagem é o rito, manifesto no processo e no palco, mas também na sua cozinha – que pode ser na casa dos outros, mas se torna dele instantaneamente. Organismos são alimentados ao mesmo tempo em que ideias são nutridas, afetos marinados e revelações servidas. Gabriel é pai do Gael e talvez isso seja o que mais diga a seu respeito. Ao ser pai deste ser, ele está – e ao mesmo tempo deixa aquele outro ter espaço para estar. É pelo mesmo motivo que ele frequenta peças de teatro de atores em início de carreira. É a sua contemplação do pulsante, do vivo, do puro e do coletivo, seja na vida, seja no teatro. Talvez para ele não haja essa distinção. Pensador de diversas construções de sentidos, Gabriel é provocador e promotor de contrastes, derrubador de estatutos morais e semeador de utopias (e distopias). Gabriel Barros é ator, dramaturgo e “en-cena-dor”.

Barros é filho de Dioniso, batizado no fogo de Artaud. Sua linguagem é o rito, manifesto no processo e no palco, mas também na sua cozinha – que pode ser na

Foto: Bob Maestrelli



Gabriela Giffoni

Dramaturga, roteirista e cineasta. Formada pela Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),

habilitação em audiovisual. Sua especialização é em roteiro, com inúmeros cursos na área, com nomes como Robert McKee e Scott Buck. Foi roteirista na produtora ZOLA, tendo desenvolvido projetos de cinema e televisão como *Vai que Cola*, a série infantil *Valentins* e o documentário *A Luta de um Homem só*. Atualmente, é roteirista na produtora Porta dos Fundos. Realizou também alguns curtas-metragens, que rodaram festivais no Brasil e no mundo, como *Simulacro* (exibido na Mostra "Short Film Corner", em Cannes), e *Jabuti*. Seus estudos de direção, dramaturgia e atuação foram orientados por nomes como Pedro Kosovski, Diogo Liberano, Renato Linhares, Cacá Mourthé, Susanna Krugger, Pedro Brício, entre outros. Entre seus trabalhos de direção e dramaturgia estão o esquete – selecionado entre os melhores pelo FESTU – *Sonho*, a performance *O Lugar Mais Frio do Rio* – que ganhou o primeiro lugar na mostra UCAM de Portas Abertas –, entre outros. *Quando todos acidentes acontecem* foi sua primeira peça escrita e ganhou o prêmio Heleny Guariba no Concurso Feminina Dramaturgia.

Foto: Divulgação



Glauco Oliveira é nascido em Manhumirim/MG, de onde muito cedo mudou-se acompanhando seus pais pelas cidades de Natividade/RJ, onde se vestia de palhaço, Pirai/RJ, onde adorava imitar as pessoas, Belo Horizonte/MG, onde percebeu o que era saudade, Campos dos Goytacazes/RJ, onde cursou odontologia e tornou-se adulto, Rio de Janeiro/RJ, onde se deu conta de que gostava de ler por influência do pai, Rio das Ostras/RJ, onde reencontrou a vontade de ser artista cursando a Escola de Teatro de Rio das Ostras. A partir das aulas com o mestre Mario de Oliveira, Glauco passou também a ter a necessidade de escrever o que gostaria de representar. Começou participando de festivais de esquetes, em que recebeu, por atuação e autoria, mais de 10 prêmios. Depois dessa etapa, Glauco veio para o Rio de Janeiro em definitivo, buscar mais conhecimento e reconhecimento profissional como ator e dramaturgo, estudando

Glauco Oliveira

com vários mestres do Rio e do Brasil e, agora, fecha com chave de ouro outro ciclo de sua vida participando do Núcleo de Dramaturgia do SESI, no qual, com toda certeza, aprendeu muito para que possa seguir sempre em frente.

Foto: Divulgação



Helena Schoenau

Helena Schoenau é roteirista e mestrandada pelo programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), na qual pesquisa as relações entre cinema e literatura. Foi assistente de roteiro e tem experiência, principalmente, com roteiro para TV. Como integrante do Núcleo de Dramaturgia SESI-RJ, escreveu também a peça *Temporal*, que integrou o ciclo de leituras dramáticas SESI-RJ 2015.

Helena Schoenau é roteirista e mestrandada pelo programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), na qual pesquisa as relações entre cinema e literatura. Foi assistente de roteiro e tem experiência, principalmente, com roteiro para TV. Como integrante do Núcleo de Dramaturgia SESI-RJ, escreveu também a peça *Temporal*, que integrou o ciclo de leituras dramáticas SESI-RJ 2015.

Foto: Bob Maestrelli





Foto: Bob Maestrelli

Jorge Santos

Natural de Salvador. Mora no Rio de Janeiro, onde tem atuado em teatro e cinema. Formado pelo Curso de Cinema da Universi-

dade Federal Fluminense (UFF), trabalhou com produção, roteiro e direção em cinema. Estudante e pesquisador de dramaturgia. Recentemente escreveu a peça *Tiros, perdas e contas*. Coautor de *Enquanto memórias morrem*.



Foto: Bob Maestrelli

Leticia Bueno Orcy (DRT 41.274/RJ) atriz, formada na Escola de Teatro Martins Pena e, também, na Escola de Atores de Porto Alegre, sendo esta última voltada para TV e Cinema. Aspirante à profissão de roteirista e dramaturga, concluiu os Cursos “Séries de TV: Criação, Desenvolvimento e Roteiro 2 – A prática” e “Séries de

TV: Criação, Desenvolvimento e Roteiro”, ambos orientados por David França Mendes, nos quais tornou-se apta ao desenvolvimento de “Bíblías” de séries para TV.

Leticia Bueno Orcy

Louise de Lemos é paulista de nascimento, carioca de alma e fala. É crítica literária por formação, atriz por insistência, pesquisadora de teatro por curiosidade, revisora de texto por necessidade. Acima de tudo, é todas essas coisas e outras mais por paixão. Acha que todo fazer artístico é político e que cabe ao artista saber de que lado samba. Acha também que amar é revolucionário nesse e em todos os tempos. "Se amarra" em coisas simples

Louise de Lemos

e em gente maneira, embora seja meio "bowlada". Escreve sobre as coisas com as quais se encanta e se irrita e acha que é para frente que se anda.

Foto: Divulgação





Produtor cultural, ator, pesquisador e discente do curso de História da Arte. Trabalha com teatro desde 2006, quando se formou em produção teatral pela

Luiz Henrique Duarte

EAT (Escola das Artes Técnicas). Em 2008, iniciou e concluiu os estudos em interpretação teatral pelo SENAC. É pesquisador bolsista no projeto "Investigações Fotográficas" e irá graduar-se em História da Arte no primeiro semestre de 2017, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Já produziu e atuou em diversos espetáculos teatrais, entre temporadas e festivais. Atualmente, produz espetáculos em parceria com companhias de teatro, inscrevendo espetáculos em editais e leis de incentivo. O interesse pela dramaturgia surgiu após uma pesquisa sobre a filmografia de Hitchcock, em que a estética e a forma do diretor influenciam e tangenciam todos os seus textos.

Maria Queiroz Azevedo é formada em Cinema pela Universidade Estácio de Sá e, como atriz, cursa a Casa de Artes Laranjeiras (CAL). Roteirista, desde que iniciou seus estudos na área de roteiro e dramaturgia pôde acumular diversos cursos com grandes profissionais da área, dentre eles: Jorge Furtado, José Carvalho, Adriana Falcão, Bosco Brasil, Joe Cacacia, Catherine Hadwicke, Michael Kramer, Ian Smith, Phill Parker e Lauro César Muniz. Por este último foi supervisionada em seus principais trabalhos e pôde aprender muito sobre a arte de escrever novela. Dirigiu e produziu filmes de curta-metragem, alguns de sua

autoria, dentre eles, *De Macaquinho*, que participou do festival "Rio eu te amo". Atualmente, a peça *O fantasma autoral*, de sua autoria, está sendo produzida.

Maria Queiroz Azevedo

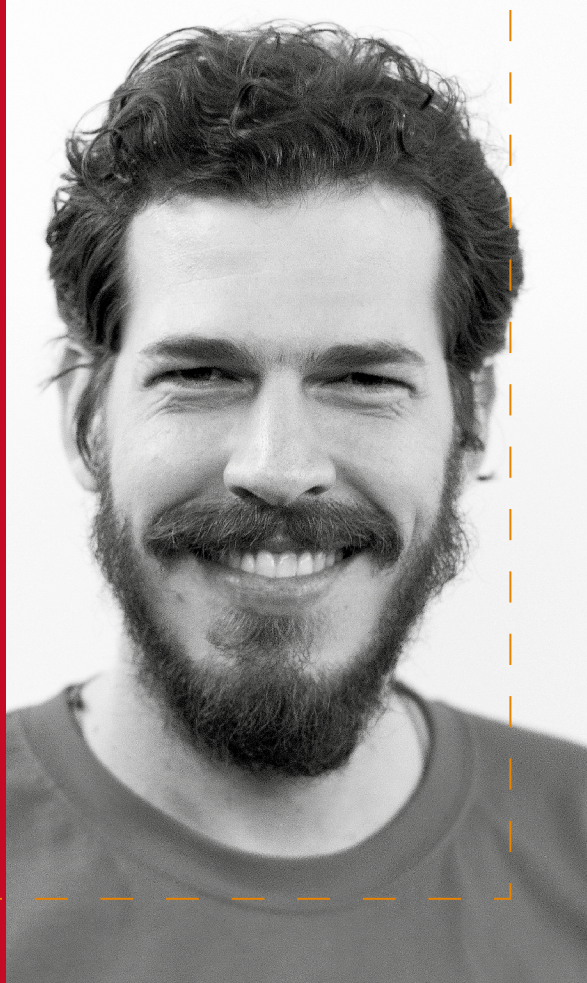
Foto: Divulgação



Pablo Kaschner

Pablo Kaschner já fez muito drama, mas nunca pensou tornar-se dramaturgo. Acontece que a vida foi levando – vida leva eu – e agora está aí: pagando de gatinho em foto de livro. Tem três obras publicadas – *Chaves de um Sucesso* – Ed. Senac Rio; *Seu Madruga – Vila e Obra* – Ed. Mirabolante; e *Só 30 Contos* – Ed. Sapere) – e participação em coletâneas. O próximo passo é descobrir como viver de escrever em um país que anda ao contrário pra ver se chega mais rápido. Enquanto isso não acontece, o roteirista e jornalista resigna-se a continuar caminhando pelo incerto, cultuando a dúvida, à mercê do imponderável, e com uma única e pleonástica certeza na vida: se quiser fazer Deus rir, conte a Ele seus planos.

Foto: Bob Maestrelli



Pedro Leal David

Músico, roteirista e jornalista, Pedro Leal David nasceu em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1983. Como compositor, é responsável pela trilha sonora de dezenas de documentários,

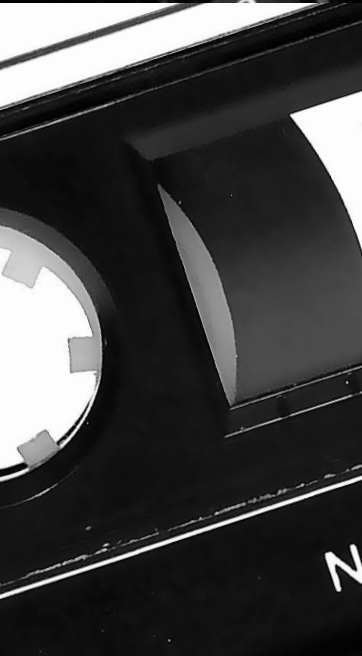
entre eles *Apodi, Morte e Vida* (2013) e o premiado *Gerais* (2014), de Tiago Carvalho e Arthur Frazão. Na TV, compôs a trilha da série *O Canto dos Exilados*, exibida pelo canal Art 1, em 2015. No teatro, junto com a Banda Hêtera, participou dos musicais *Cabaré Foguete*, de Ivan Sugahara e Gustavo Damasceno (2014/2015), e *Radiofonias Brasileiras* (2015), de Bosco Brasil, com direção musical de Tato Taborda e direção de Diego Molina. Como roteirista, assinou o texto final da série *O País do Cinema* (2016), apresentada por Fabíula Nascimento no Canal Brasil, além de ter sido, por oito anos, editor de texto de diversos programas e telejornais da GloboNews. Em 2014, lançou o EP *Solar 26*, com canções inéditas de sua autoria.



Foto: Bob Maestrelli



A vida que
nos chega



E de repente uma
ossada de baleia
emergiu na cidade



Enquanto memórias
morrem

Dani Rougemont
Glauco Oliveira
Helena Schoenau
Luiz Henrique Duarte

pg.026

Andressa Hazboun
Gabriel Barros
Gabriela Giffoni
Pablo Kaschner
Pedro Leal David

pg.066

Felipe Pedrini
Jorge Santos
Leticia Bueno Orcy

pg.116





A vida que nos chega

Dani Rougemont
Glauro Oliveira
Helena Schoenau
Luiz Henrique Duarte



A vida que nos chega

Dani Rougemont
Glauco Oliveira
Helena Schoenau
Luiz Henrique Duarte



SINOPSE

Três pessoas encontram-se ao acaso em um beco sem saída: Edgar, um homem mais velho que apesar de sua vista cansada ama a leitura, é poeta e ganha seu sustento do que cata no lixo; Simone, uma viúva recolhida em seu luto, guarda consigo as palavras e, no silêncio, uma culpa que talvez não tenha; e Ricardo, um jovem drogadicto, carente e transtornado.

Diante de ausências e conflitos, eles veem-se obrigados a confrontarem-se consigo mesmos frente a provocações e espectros que os rondam. O que fazer com a situação em que se encontram? Em que espaço deixamos de ser livres e em que espaço nos aprisionamos?

Nesta narrativa investigativa, o objeto da busca são os próprios personagens, as faltas estão em cada um deles e o que resta é uma janela iluminada em um beco sem saída.

PERSONAGENS

SIMONE

RICARDO

EDGAR

PRÓLOGO

Noite.

Breu no beco. Só se pode ouvir: respiração e passos.

Fotogramas da cena. Retângulos luminosos. Paira no ar: cheiro de lixo e de pergunta.

Ângulos e posições diversas denunciam a memória fragmentada, fraturada, dolorida.

Quadro vivo e jogo de luz.

1º Flash

Simone algemada em uma caçamba.

2º Flash

Ricardo corre em direção à Simone.

Movimento paralisado.

3º Flash

Ricardo e Edgar se olham. Estão assustados.



1. O MUNDO

Sons de tecla de uma máquina de datilografia emulam uma trilha.

Edgar mexe no lixo da caçamba de onde retira bilhetes e os lê.

EDGAR

Eu fico ouvindo aquela nossa vida ressoar na minha cabeça e procuro em meio a tantas tranqueiras. Na última viagem, nossa, que não sabia ser a última, brigamos. Um cheiro forte de maresia, ainda sinto, o sol a me queimar a pele. Novamente por causa dessa minha mania boba, essa minha cisma. Não tinha como dar em outra coisa se não o que me obrigo a viver hoje. Agora eu fico estanque, sem me mexer, com medo de quebrar alguma outra coisa. Eu, nessa mesma sala de sempre, tenho duas passagens. O que fazer com a sua?

Simone, de costas, só dá a ver mapas, ou mesmo um globo terrestre, em que traça caminhos e pontos. Seus dedos, tingidos de negro: tempo de digitação.

EDGAR

O beco guarda um segredo, que ele repete. Não ouve quem não quer. Sinto o nervoso percorrer meu corpo e percebo que a tensão começa nas mãos. Não há o que fazer se não confessar aqui mesmo. Bater. À máquina, digo. Contar sem contar. Para aliviar e não acabar numa prisão.

Simone datilografa agilmente. Amontoa folhas que disputam lugar com outras, amassadas, e tantas outras que sucumbiram seu lugar de ideia e tomaram concretude: hoje são Tsurus de origami.

EDGAR

Esse eco. Ela quis dizer beco. Esse beco me seduz. Quando a gente viaja, a casa da gente vira um lugar melhor, porque passa a ser refúgio e não mais prisão.

Edgar tenta enfileirar os papéis, como que montando uma mensagem cifrada.

Simone datilografa e lança bilhetes para si, ao seu redor.

EDGAR

Quem dera soubesse os gostos, para lembrar o teu. Me valeria mais do que tantos cartões postais. Eu me arrependo. Dizem que se a pessoa fizer mil *tsurus* de origami com o pensamento voltado para o desejo, ele se realiza. Eu tento o que posso. Não podem dizer que não. Afinal...

VOZ DE RICARDO

... ter planos é a melhor estratégia pra quem quer ter um álibi, lá na frente, pro fracasso.

Simone bate na máquina aleatoriamente, em tom raivoso. Bate na máquina e não à máquina.

Simone levanta, exaltada, e o som das mãos contra a máquina persiste. Ela segura a própria cabeça e fecha os olhos na tentativa de pausar o som, que se repete sem descanso.

Edgar guarda os bilhetes que já leu em uma garrafa, junto com tantos outros, já lidos.

VOZ DE RICARDO

As coisas se repetem como um filme na minha cabeça. Dói. Pontadas, um enjoo. O eco. Há uma pausa aqui. O eco. Tempo. Pausa, entre parênteses. Tudo bate e volta sem acolhimento. Minha mente vive em eco porque tenho obstáculos.



A vida que nos chega

Edgar testa seu eco no beco.

EDGAR

Não sou de conversar com estranhos, este mundo está cheio deles e não quero mais correr riscos.

Edgar parece não conseguir achar mais bilhetes. Procura ansioso.

Simone digita de olhos fechados, como se escrevesse uma mensagem psicografada.

EDGAR

Em caso de emergência, quebre o vidro.

Edgar brinca com o vidro, ameaça arremessar.

Edgar testa seu eco novamente: dentro e fora da garrafa.

EDGAR

Saída.

VOZ DE RICARDO

ida, ida.

Como se saísse de um transe, Simone digitação para de digitar.

Simone gargalha e chora.

Seus dedos tingidos de preto pela digitação mancham o rosto molhado.

★

No beco, Edgar não percebe Simone na janela. Ricardo chega correndo e a janela é fechada rapidamente.

RICARDO

Pare de gritar, você me irrita quando fica assim. Assusta as crianças. Não vê que dormem com medo e chorando? São os gritos, não quero mais te ouvir. Desde que nos casamos é assim. Eu já era assim, nunca te escondi a verdade. Não, não vou devolver (*joga uma algema que carrega consigo no lixo*) e se insistir, não volto mais. Se vira sozinha. Pelo menos assim acaba esta prisão.

EDGAR

Pare de gritar!

RICARDO

Quem está gritando?

EDGAR

Você grita.

RICARDO

Grito para que ela pare.

EDGAR

Se ela estava com você, não está mais, olhe bem ao redor, só estamos nós dois.

RICARDO

Ela não veio atrás de mim?

EDGAR

Como disse, só somos nós dois. Fique tranquilo.

RICARDO

É que ela tem mania de me seguir, está sempre querendo me prender.

EDGAR

Polícia?



RICARDO

Esposa.

EDGAR

Entendo.

RICARDO

Também é casado?

EDGAR

Solteiro, mas entendo bem os casados, a maioria não vive bem. Uma prisão.

RICARDO

Literalmente, com dois filhos fica pior. Não dou conta de manter essa coisa de família.

EDGAR

Ciúmes?

RICARDO

Dependência.

EDGAR

É a pior coisa. Um casal, penso eu, deve ser formado por duas autonomias e não por duas dependências.

RICARDO

Tem razão (*coloca um cigarro na boca*), mas não é assim que acontece. Teria algum lugar para sentar? Me sinto exausto devo estar correndo daquela desgraçada há pelo menos três horas.

EDGAR

Aqui. Senta.

RICARDO

Frio hoje, não?

EDGAR

Se precisar, tenho jornais ali atrás. Aquece bem.

RICARDO

Não sou morador de rua. Vê se vou me embrulhar com jornal? Tenho casa,
família.

EDGAR

Pelo jeito não te querem por perto.

RICARDO

Quem pensa que é? Eu não quero. *(Grita, bate no peito)* Eu não quero. Eu não...
Quem não quer sou eu. Eu decido o que fazer.

EDGAR

É lógico que quer.

RICARDO *(Olha para a janela)*

Para com isto, está me deixando nervoso.

EDGAR

Calma rapaz, só estamos tentando conversar.

RICARDO

Você havia dito que ela não estava aqui.



EDGAR

É só olhar em volta, não tem ninguém.

RICARDO

Então olhe para cima.

EDGAR

O que tem?

RICARDO

A janela.

EDGAR

Fechada, cerrada até os dentes.

RICARDO

Não seja estúpido, minha mulher está atrás do vidro, dentro daquele espaço.

EDGAR

Se olhar direito vai ver que é sombra.

RICARDO *(Para a janela)*

Como sempre superior, tentando me colocar para baixo, quer me ver cada vez mais no fundo, não vai conseguir.

EDGAR

Por favor. Volte a se sentar, este banco é amigo, vamos conversar.

RICARDO

Sentar? Conversar? Quem é você?

EDGAR

Prazer, um ser livre. Sem precisar fugir. Não perseguido. Vivo com a leveza do meu arbítrio. Solto!

RICARDO

Não precisa gritar! Esse vidro na tua mão? *(Tenta pegar)* Você fede.

EDGAR

Morador de rua. Não é todo dia que tomo banho. Este vidro é uma recordação. Coisa de uma vida inteira.

RICARDO

Pó? Divide aí, não vai ficar regulando agora vai? Cara, nós já somos amigos. Vai ser muito boa a onda do vidro. A onda que vem do vidro de pó branco que o mendigo tem. *(Tenta pegar o vidro novamente)* Vai, velho escroto, libera o pó. Quero passar a noite acordado.

EDGAR

Velho perto de você, mas muito novo perto do que você vai ficar se continuar assim, não deveria tratar assim o seu velho futuro. Isto se te houver algum.

RICARDO

Não fale de velhos perto de mim, sinto falta.

EDGAR

Abstinência. Sei como é. Já não as tenho há bastante tempo. Talvez tenha de novas palavras, tá aí, tenho abstinência de novas palavras.

RICARDO

Abstinência do desconhecido?

EDGAR

Isso.



RICARDO

São papéis dentro do vidro?

EDGAR

Lembranças de uma vida inteira.

RICARDO

Passei uma vida inteira com meu avô. O velho era muito gente. Aquele era meu leme, sua vida uma rota, era só seguir. Era só seguir. Eu amava aquele velho. (...)

Ela não veio atrás de mim? Era só seguir, ouvi minha mãe dizer pra minha mulher: "Você é burra, não sabe o que ele faz? Mora com ele e não sabe? Desde quando você mereceu o meu filho? Uma estúpida, só serviu para parir. Atrapalhou tudo na vida do menino. Era só seguir ele para saber o que ele faz." A partir daí, minha vida virou um inferno. (...) Você está aqui porque não tem saída. não é?

EDGAR

Você está aí nesse poço por que não tem fundo, não é?

RICARDO

Beco sem saída, poço sem fundo, sem saída, sem fundo, saída, fundo! Saída fundo!
Meu poço, meu fundo, sem saída, sem fundo!

Edgar e Ricardo são interrompidos por mais um bilhete. Edgar vê na janela apenas a mão que vaza para fora.

Edgar pega o papel.

RICARDO *(Ricardo avança, pega e lê)*

Bons tempos que eu podia ter silêncio por opção. É fácil achar quem faça barulho. Difícil é quem te dê silêncio quando mais você precisa.

EDGAR *(Para a janela)*

Não posso acreditar no que estou vendo! É você!

RICARDO

Tem alguém ali não tem?

EDGAR

Desculpa o incômodo. Nossa intenção nunca foi atrapalhar seu sossego. Se me permite dizer, esperei muito por você.

Ausência de respostas.

RICARDO

Parece não querer muito papo contigo.

EDGAR *(Para a janela)*

Eu nem sei o seu nome...

RICARDO

Ricardo.

EDGAR

Ah, sim. Satisfação.

Novamente a mão lança um bilhete.

RICARDO

Posso ser mais clara: silêncio, quando tudo e todos se calam, momento que só se escuta os ruídos da noite. *(Para a janela)* Fechar a janela ajuda!

EDGAR

Ela não fala com estranhos. Mostra seu rosto para mim que te mostro o silêncio de volta. Prometo! Confia em mim.



A vida que nos chega

.....

A mão responde com outro pedaço de papel.

EDGAR

Não importa o quanto me vejam, nunca saberão quem realmente sou. Não passo de uma sombra.

RICARDO *(Para a janela)*

Você não desiste nunca? Por que não me deixa em paz?

EDGAR

O que é desta vez?

RICARDO

É ela! Aparece! Acaba logo com isso! *(Para Edgar)* Você me disse que éramos só nós dois aqui!

O som das teclas da máquina torna a preencher o beco.

EDGAR

Você assustou a moça. Vai embora! Enquanto estiver aqui, ela não vai aparecer.

RICARDO

Você não entende? Se eu for embora, ela vem atrás de mim!

EDGAR

Ela não vai a lugar algum. Esse é o lugar dela. Você não a conhece.

RICARDO

Ah, e você a conhece?

EDGAR

Ela não é quem você pensa!

Mais um bilhete é lançado.

EDGAR

Somos três desconhecidos. Vocês não sabem mais do que isso sobre mim.

(Para a janela)

Eu leio o que você escreve. O que é um rosto perto disso?

RICARDO

Quem é essa mulher?

Um bilhete vem como resposta.

EDGAR

As palavras que voam pela minha janela são aquelas que não podem mais ficar dentro de mim. Também não podem mais ficar na minha casa. Por isso vão de encontro ao lixo do beco. Não precisam de leitores. Elas precisam de esquecimento. Respeite meu espaço e meu momento porque eu faço o mesmo. Passar bem.

RICARDO

O que foi?

EDGAR

Gastei meses da minha vida intrigado com esses bilhetes. Eu não fazia ideia de quem os escrevia e isso me deixava louco. Pareciam brotar da lixeira. Tenho um certo controle de quem entra e de quem sai deste beco. Ninguém passou por aqui que não fosse com lixo comum. Eu deduzi, então: se não foi entrando e saindo, esse autor desconhecido só poderia ter acesso por aquela janela. Sabe esse som? *(Pausa embalada por som de digitação)* São restos de todos os tipos:



bilhetes curtos, cartas rasgadas, mensagens parcialmente queimadas, fluxos de pensamentos, desabafos interrompidos, coisas escritas em segredo e que talvez nunca ninguém lesse. Imagina se aquilo que você nunca ousou contar, sequer para o próprio espelho, fosse parar numa folha de papel. Que fim você daria a ela?

RICARDO

O fim que fosse necessário.

Edgar mira fixamente a janela de Simone. Cada vez mais distante, Edgar fala como se não fizesse diferença estar sendo ouvido por Ricardo ou não.

EDGAR

Eu nunca havia presenciado o momento exato da queda dos bilhetes. Até agora...

Ricardo ri.

EDGAR

Qual é a graça?

RICARDO

Até resto de atenção você cata do lixo? Não percebe o quanto isso é patético?

Edgar avança sobre Ricardo e o pressiona de encontro à caçamba.

RICARDO

Quer me bater? Então bate. Mas a verdade é uma só: ela não faz questão nenhuma de ter você no mundinho dela. Você acha que vai ter acesso a ela, mas não vai. Morra com essa ilusão!

EDGAR

Eu vou sair agora e você vai sair logo em seguida. Não quero te encontrar em meu beco quando voltar.

RICARDO

Vai para o inferno, poeta! Não tenho medo de você! Não de você!

Edgar sai do beco andando de costas, como lhe é próprio.

Ricardo está sozinho no beco, chuta o chão, senta e levanta. Olha para a caçamba e se agacha dando um grito de raiva e fala para o interior da caçamba como se fosse um espelho.

RICARDO

Vá para o inferno! Eu já estou no inferno, você não vê onde está se enfiando Ricardo? Eu já estou aí no fundo, minha prisão.., filho da puta, poeta escroto!

Edgar volta.

RICARDO

Te mando ir para o inferno e você volta?

EDGAR

Voltei para te dizer que este beco é o meu inferno e que não te quero aqui. Desde que chegou bagunçou minha paz.

RICARDO

Paz no inferno?! Deve ser divertido. Uma coisa te digo: fique esperto ou assuma de vez seu papel de editor. Monta aí sua historinha. Pensei que a rua ensinasse mais rápido. Não percebe que está sendo usado por ela?

EDGAR

Pode ser.



RICARDO

Pode ser não, é.

EDGAR

Algum tratamento, já tentou?

RICARDO

Uma porrada de vezes. Clínicas utópicas, as coisas mais absurdas já vivi em reabilitação. É o fundo do poço vivo dentro de você, eles tentam te virar do avesso, estender o seu cérebro sob o sol e deixar ali, secando. Tudo sob seu próprio olhar. O arbítrio de se prender. Uma hora você tem que fugir de você mesmo. Tudo ali te afunda mais e mais.

EDGAR

Calma, precisamos de silêncio. Não vamos interromper o silêncio que ela nos pediu.

RICARDO

Ela não vai abrir a janela enquanto estiver aqui.

EDGAR

Por que afirma com tanta certeza?

RICARDO

Parece preferir se comunicar por bilhetes. Faz de você um colecionador de suas histórias. Te aprisiona nas histórias dela e não o deixa ir embora do beco para ser poeta. Faz você de leitor. Terapeuta! Isso é tratamento de maluco.

EDGAR

Quem te disse que sou prisioneiro desse beco? Aqui dentro do beco e do vidro, está cheio de poesia. De vida. É só abrir. Liberdade.

RICARDO

Livre? É um beco sem saída, ela te mantém aqui. Você vai ser a história dela.

EDGAR

Não sinto isto, sinto sim estar construindo algo que vem de alguém, escritos que agora sei ser de uma mulher e que parece me confiar suas vivências, que escolheu o poeta para ser sua proteção.

RICARDO

Prisão! Egoísmo! Nunca te deixou ver o rosto. Nunca nem soube que era mulher, soube por uma mão que te joga papéis, depois de tudo que leu e guardou, um papel pedindo cala boca?

EDGAR

Não sei, preciso pensar.

EDGAR

Posso te confessar uma coisa?

RICARDO

Diga.

EDGAR

Nunca havia tido esta curiosidade de quem era ou como seria, não me importava se homem ou mulher, pobre rico, negro branco. O importante eram os relatos. Alguns difíceis de entender, outros tão banais, cotidianos, não li todos, mas estão bem guardados.

RICARDO

Poético isso, hein?!



EDGAR

Datilografados. Na transparência do vidro, na dobradura dos tsurus. Origamis sem performance, sem forma, mas cheios de vida. Ricardo, foi um prazer, mas hoje preciso sair deste beco, ter um outro olhar destas paredes dobradas. As quinas, as esquinas, os meus limites.

RICARDO

Tem certeza, poeta, de que vai me deixar? A minha mulher, minha mãe, tenho duas filhas lindas. Poeta! Poeta!

Edgar sai do beco mirando-o: é sempre como se indo, estivesse chegando.

RICARDO

Os meus pés podem te seguir!

EDGAR

Vou só!

RICARDO

Estou só!

EDGAR

Calce os sapatos, volte para casa e busque um velho futuro! Não deixe tudo acabar agora!

RICARDO

Os meus sapatos!

RICARDO

Edgar! Poeta! Cara, volte aqui!

2. ATALHOS

RICARDO

Volta aqui!

Pausa.

RICARDO

Cadê a luz?

Ricardo tropeça e cai. A luz se acende e uma silhueta é descoberta.

Ricardo está caído, a cabeça cortada.

SIMONE

Ahhhhhhhhhhhh!

Ele leva a mão à cabeça. Ele sente: nos ouvidos, Simone; nos dedos, calor e líquido. E vê: vermelho. Sangue na mão.

SIMONE e RICARDO

Ahhhhhhhhhhhh!

RICARDO

Pare de gritar!

Silêncio.

RICARDO

Ahhh, perdão. Calma, minha cabeça dói. A caçamba.



Pausa.

RICARDO

Bom te ver, finalmente. Duas mãos.

Ausência de respostas.

RICARDO

É normal ficar nervosa ao ver sangue. Acontece com muita gente. Principalmente se não nos preparamos para o que vai acontecer. Um acidente, do nada e surge sangue.

Ricardo brinca com seu sangue.

Simone persiste imóvel na janela, a mão segurando firme o batente. O vidro aberto.

Ela olha as pontas dos dedos pretos: contraponto ao vermelho-sangue das mãos de Ricardo.

Som da máquina de datilografar.

Simone joga um pano pela janela.

SIMONE

Cuidado com o beco.

RICARDO

Obrigado por se importar.

Ricardo amarra na cabeça, como uma bandana.

SIMONE

Vai ficar tudo bem?

RICARDO

Não sinto muito.

SIMONE

Está anestesiado pelo acontecimento. É assim mesmo: depois que o corpo desaquecer, que tomar distância do acidente, aí vai doer bastante.

RICARDO

Pode ser, mas eu tenho uns bons... remédios pra isso.

SIMONE

É sempre bom saber como se livrar.

Simone oferece o verso dos pulsos unidos, mostrando uma marca.

RICARDO

Daqui não dá para ver.

SIMONE

Marca de nascença.

SIMONE

Você é sozinho?

RICARDO

Não.



SIMONE

Então deveria ligar para te buscarem. Por causa da cabeça...

RICARDO

É melhor não.

Ricardo tenta levantar, vacilante, está entorpecido. De pé. Desequilibrado.

SIMONE

Se você diz.

RICARDO

E você?

SIMONE

Eu não quero falar sobre isso.

RICARDO

Sei guardar segredos. Esqueço logo.

SIMONE

Ninguém esquece esse tipo de coisa.

RICARDO

Morte?

Pausa.

Simone pronuncia o corpo em direção à janela. Seu rosto está totalmente exposto.

Simone joga um lenço bordado.

RICARDO (Lê)

Simone.

Ricardo abre os braços como se pudesse recebê-la com um abraço.

RICARDO

Simone, Ricardo.

SIMONE

Nas viagens, pense nas suas, tudo é diferente, ainda lembro. Os quartos de hotel, cheiro de lavanda, dizem que acalma. Tudo limpo e organizado.

RICARDO

Nas viagens, outras sensações percorrendo o corpo: calor ou frio, depende. A pele reagindo, a visão desperta, tudo novo, mais vibrante. Tudo como sensação. A palavra some. Não posso? Não existe. Mas tudo tem seu preço. As viagens não te cobram no corpo, na mente? Elas não te deprimem quando passam? E sobra só um corpo inerte e culpa. Muita culpa. Um mundo só teu.

*

Momento-poço

Ricardo, agora, no fundo. Simone, em sua janela, no topo.

Apenas ecos da cidade vibram, chegando como faíscas. Luzes vistas ao longe, faróis que não guiam. De passagem, invadem e criam sombras no beco.

RICARDO

Os pés sempre foram a minha paixão, afinal, é com eles que exploramos nosso mundo, e pelos pés, resolvi trabalhar com sapatos, que protegem, amortecem e



auxiliam a caminhada. Pelos sapatos, que eram a minha arte, eu vivia e pela minha família. Agora, aqui, só sinto cheiro de umidade, de mofo. Vejo a escuridão que me envolve, é somente silêncio, nem minha voz ouço, nem minha respiração, nem sequer meus passos! Ando e não saio do lugar, dou voltas, pior é que sei da minha culpa. Não seria justo culpar família ou o destino. Meus sentidos já não são mais os mesmos, meu tato está tão distanciado do meu corpo que nem tenho certeza do que toco, nem se toco realmente o chão, estou suspenso. As perguntas são mais frequentes que as respostas e me atormentam, me deixam louco! Se tenho alguns segundos, só alguns fora de mim, paro de trazer à tona questões, sabemos, que não serão respondidas. Mas a teimosia nos leva aos eternos questionamentos e, de novo, de novo, de novo, rodo aqui dentro. Por isso, odeio a sobriedade, entende? Passo noites sem dormir, porque fico pensando em perguntas: umas jamais ouvi e nunca ouvirei as respostas. Mas ainda assim me pergunto. Viver a liberdade, para mim, é viver sem esses questionamentos. O pó põe pra fora. Todas essas palavras passam pela minha cabeça quando vejo aquele homem catando o lixo, quais serão as suas perguntas? Serão as mesmas? Às vezes penso sobre minha sobrevivência, mas quando me volto para minha existência, já não sei se me importo tanto. O que não difere muito daquele catador de lixo. Quero sair desse lugar

(ele olha o beco) aqui (ele se olha) sem saída. As pessoas estendem as mãos, mas eu não alcanço e a única saída me parece ser distante. Quanto mais penso em sair, enquanto me afundo, mais vou para o fundo: no poço.

*

Edgar sozinho no beco. Ele remexe no lixo e puxa, surpreso e fascinado, uma algema. Simone também está cercada de restos e papéis. Ela olha perplexa para os dedos sujos e começa a limpá-los com vigor e ansiedade. Sua respiração é forte.

Edgar examina a algema. Ele a testa para ver se funciona. Analisa suas possibilidades.

A tinta escorre das mãos de Simone, pingando na mesa, nos papéis. Começa a passar o pano secando as gotas. Seu ritmo é acelerado e logo está esfregando o pano por toda a superfície.

Edgar coloca a algema no chão, circundando à sua volta: quer decifrá-la.

Simone começa a limpar tudo, com mais panos e produtos. Joga os papéis fora – e não para fora –, organiza os tsurus. Metodicamente, desinfeta, esteriliza, higieniza, classifica, ordena e acomoda. Surto sistêmico, sistemático. O processo a consome e está cada vez mais extasiada: é como se pudesse ver-se liberta.

Edgar pega um caderno e mirando a algema, começa a escrever compulsivamente.

Exausta e satisfeita, Simone se deixa cair em sua cadeira, ofegante.

Edgar continua escrevendo: seu olhar pula da algema ao caderno. Parece elétrico.

Simone apaga a luz e os dois desaparecem.

★

Momento-poço.

Casa de Simone. Ela está sentada em uma cadeira, como quem presta um depoimento.

SIMONE

Eu divido aquele dia em duas metades, uma completamente oposta à outra. Até determinada hora do dia, a minha voz era a mais ouvida. Eu falava, argumentava, pedia, exigia... Minha palavra era a última na discussão. Eu tinha a energia para mudar o mundo e nada podia me fazer parar. Pelo menos era assim que eu pensava. Depois do ocorrido, veio a segunda metade. Eu só conseguia me afundar no sofá, totalmente muda, e fumar dentro de casa, deixando meu chão coberto



de cinzas. Pela primeira vez eu estava só, depois de anos. Tudo poderia ser do meu jeito. Eu quis gritar, mas não me senti no direito. Eu quis quebrar tudo, mas seria injusto com ela. Olhei em volta, tudo estava calmo e limpo, até que meus olhos chegaram às chaves dela. Sangue. Espremi os olhos e o resultado foi o mesmo: sangue. Um rastro traçou um caminho entre as chaves e minha mão, também com sangue. Limpei a mão na minha calça. As lágrimas que caíam do meu rosto ajudaram no serviço.

Ela já não estava mais ali comigo, mas ao mesmo tempo sim. Encontrei areia de praia no meio da sala. Coisa dela. Perdi minha esposa, mas ela nunca perdeu o hábito de entrar em casa com o sapato sujo. Agora tudo poderia ser do meu jeito. Por minha culpa, ela não vive mais. Há tempos a sujeira tirava meu sossego. Tralhas entulhadas pelos cantos, poeira, paredes sebosas e um cheiro de imundície insuportável! Pedi que ela fosse ao mercado e me trouxesse produtos de limpeza. Contrariada, ela me disse que alguma coisa pedia pra que ela ficasse em casa. “Preguiça é o nome dessa coisa! De lixo já basta o que vemos no beco”. Insisti a ponto de ela ceder. Dois barulhos, me lembro bem: a porta sendo batida com força e uma freada longa seguida de pancada. Continuei com a louça, mas algo em mim se quebrou. Me gritaram do beco. Tremi. Da janela debrucei lá para baixo.

Simone repete a mesma ação do relato. Do beco, Edgar vislumbra Simone pela primeira vez. Ela não o nota. Ele, por sua vez, também não se faz perceber.

SIMONE

As pessoas tentavam me dar a notícia. Uma voz invadia a outra, e juntas formavam um falatório cheio de ecos. Minha vista escureceu. As pessoas lá embaixo começaram a perder a voz para mim. Todos ficaram turvos e se misturaram na escuridão da minha mente em pane. Era como um poço visto de cima. Me deu uma vontade de pular para não ter que encarar o que estava por vir.

Simone volta para o interior.

SIMONE

Preservo as mesmas manias, para não ter sido em vão. Fora isso, como eu disse, agora tudo pode ser do meu jeito. Os sapatos sempre na porta. Continuo a limpar. Limpo tudo, menos as chaves dela. Não consigo. Me falta coragem. Elas ficam assim, com sangue seco. Mesmo precisando de limpeza, faz falta ser contrariada de vez em quando. E você?

Simone está na janela. Ricardo está embaixo, curvado sobre seu próprio corpo. Ele cheira.

RICARDO

Eu preciso ir pra casa.

SIMONE

Não seja por isso.

RICARDO

Minha cabeça dói, sinto cada vez mais.

SIMONE

Eu posso ajudar.

RICARDO

Não precisa.

SIMONE

Preciso sim.

Ele some do beco, ela da janela.

Estão frente a frente na porta.



SIMONE

Tire os sapatos, por favor.

Pausa.

SIMONE

Para não sujar...

Ele tira a contragosto.

Ela pega os sapatos para colocar no lugar certo. Ele mexe nos tsurus.

RICARDO *(apontando para os sapatos)*

Eu que fiz.

SIMONE *(apontando para os tsurus)*

Eu também.

Riem, cúmplices.

Ela se aproxima para desamarrar a bandana da cabeça dele. Ele se evita, reflexo.

SIMONE

Confia em mim.

Da ferida aberta, o sangue voltar a escorrer.

SIMONE

Desculpa.

RICARDO

Não foi culpa sua.

Simone torce a bandana. O sangue escorre de suas mãos.

SIMONE

Se eu não tivesse insistido... Afinal, cada um deve dar conta de si.

RICARDO

Seria ótimo se fosse assim. Mas nunca é.

Simone pressiona a ferida.

SIMONE

Dói, né?!

RICARDO

É sinal de que estou vivo. Pulsando.

Simone limpa a ferida.

SIMONE

É pequeno e fundo.

RICARDO

Já estou acostumado. Lá em casa diriam que mereci.

SIMONE

Por quê?

RICARDO

Sempre me acontece. Não nos damos muito bem.



SIMONE

Se merecia, já está pago. Não acha?

RICARDO

Não sei se vale. Até gosto, dá uma tontura gostosa...

SIMONE

Você teve sorte. Você tá lembrando bem de tudo?

RICARDO

Não costumo ser muito bom com isso. Você é médica?

SIMONE

Não. Mas não posso com lesões na cabeça. É um lugar que sangra muito. Às vezes, fatal.

RICARDO

Eu não ia morrer. Não tá na hora. As pessoas só vão quando tá na hora delas
irem.

SIMONE

E os assassinatos?

RICARDO

Destino é uma coisa que faz sentido pra mim, sabe... uma história que já está
escrita.

SIMONE

A culpa é de quem?

RICARDO

A culpa não é de ninguém.

Simone faz um curativo.

SIMONE

Não faz sentido.

RICARDO

Nem é justo. Por isso, eu não me preocupo. Tudo a seu tempo.

SIMONE

Parece simples demais...

RICARDO

E é. Minha família, por exemplo, não me quer. Reclamam de... *(ri)* explosões. Então, eu saio.

SIMONE

Eu nunca me descontrolo.

RICARDO

Ah... vai dizer que às vezes você não tem vontades...?! Só de olhar para o pescoço dela, para as mãos e os pés e sentir um desejo incontrolável de apertá-la, prender com as mãos.

Ricardo levanta e caminha vagarosamente ao redor de Simone.

RICARDO

É tudo muito rápido. Um impulso e quando vemos, estamos ali, o corpo quase



inerte embaixo de nós. Eu fico... satisfeito. Depois vai passando, o corpo relaxa e a mente volta a ter controle... uma tristeza...

SIMONE

Imensa!

RICARDO

Um vazio que percorre. Não saber pra onde ir, o que é verdade, o que tá certo ou não.

SIMONE

Um peso enorme. Vontade de poder ser só, leve, sem carga. (...) sem força.

RICARDO

Era pra ser só uma descarga de energia.

SIMONE

Só um empurrão.

RICARDO *(Para as mãos)*

Mas elas não entendem. Depois você vai falar com elas e elas não respondem. Ficam quietas, nem te olham, é como se você tivesse...

SIMONE *(Para as mãos com tinta)*

...matado.

Em um aparte: as mãos de Simone estão atadas pela algema.

*

No beco, Edgar vê duas silhuetas na janela de Simone.

Algo se quebra. Tudo se espalha. Ele caminha sobre o que sobrou, os pedaços.

EDGAR

Egoísta, acaba de me ensinar que o lixo não passa do que vocês realmente são, não precisaria de tantos bilhetes, Simone! Você é o lixo. Conseguiu! Você conseguiu quebrar toda a intenção de liberdade que eu tinha nas ruas, me usou pra juntar os teus cacós! Confesse, nunca estive mal pelo que fez não é mesmo? Escreve por prazer, pra reviver cada momento, sua intenção é estragar, por isto o lixo que é. Esta aqui tua história, onde sempre deveria ter estado, no chão, indo embora, desintegrando neste beco podre.

No apartamento, Simone faz tsurus.

SIMONE

É um alívio. Quebrar com esse silêncio. Com tudo isso que estava guardado dentro.

Edgar rasga os papéis e faz chover sobre si festejando seu desengano.

Simone joga a algema pela janela, na caçamba.

*

Momento poço.

EDGAR

Depois da janela/ Era lá que tudo vivia/ Longe rua que existia/ Quebrei o espelho em que me via refletindo/ Era tudo reflexo/ Não parava, eu refletia atrás de mim que refletia atrás de mim que refletia atrás de mim/ E eu era muitos, de muitas famílias/Eram muitas famílias de múltiplas cidades e eu era o mundo dentro de mim



gritando/ Depois do espelho tem vida/ Depois das famílias e das cidades tem vida!
Depois da janela tinha o quintal, era longe, um longe que dentro de casa existia/
Tudo uma lonjura/ Muita distância da roupa no varal para o carro na garagem
para o empregado do portão para o gato deitado na almofada para o pai da sala
o irmão do quarto para a mãe negra da cozinha, para a branca dos chás de ópio.

Fui quebrando tudo, todas as palavras que me passaram de geração em geração/A
sua riqueza é a passagem para o mundo/A rua é a minha riqueza para o mundo!

Tudo aqui é perto/Vida que me chega/ Agora verso pelo vivo/ Mais do que nunca
verso pelo que sou.

Edgar recorre aos seus escritos em cadernos.

EDGAR

Ficção é a oportunidade de falar e falar, sem estar falando exatamente com alguém.
Ficção é companhia solidão. Inverti tudo: vesti a vida pelo avesso. Fui conquistar
um espaço que são todos: os lugares em que passo e os lugares que crio, os que
leio, tudo o que eu imaginar. A minha ganância me faz varar por aí sem me prender
à satisfação. Meu prazer se faz sem grilhão, dominação. O provisório é a maior das
providências. E de avulsas, são iguais todas as madrugadas em que me capturo de
novo, por inteiro, uma nova versão de mim. Troquei a riqueza pelo poder e troco
também o dia pela noite. Os contrários me atraem mais do que qualquer mais ou
menos. A noite promete mais do que o dia.

As páginas tantas: vira.

*

Ricardo desacordado no beco. Sozinho, ele acorda ao som da máquina de datilografar.

RICARDO

Como vim parar aqui em baixo? Desci tanto sem nem perceber?

Ricardo zanza, sussurrando consigo mesmo.

Ricardo procura e não acha mais droga.

RICARDO

Como posso ter... você, onde está? Estava aqui comigo, agora... há pouco. Você gosta de se esconder. Aparece e logo some. Queria te enganchar bem próxima a mim. O vício, deter você.

Ricardo corre até a caçamba e paralisa ao ver Simone algemada e amordaçada.

RICARDO

Eu fantasio, eu quero.

*

Edgar entra no beco. A máquina de datilografar o segue como trilha.

Folheia cadernos que retira de um saco de lixo, se emociona.

EDGAR

Uma hora tinha que terminar.

Edgar escreve compulsivamente. Oscila seu olhar entre a caçamba e a janela.



*Ele tira as páginas dos cadernos e amassa. Joga contra a janela fechada de Simone.
Elas voltam.*

Começa a escrever compulsivamente.

É interrompido. Ouve um barulho...

EDGAR *(enquanto escreve)*

.... um tintilar de metal e o segue.

*Edgar caminha em direção à caçamba e vê Simone algemada e amordaçada. Ricardo
está olhando para ela.*

Ricardo e Edgar se olham assustados.

Edgar sai do momento estanque e fala para fora dele.

EDGAR

Eu criei.

★

Luz na janela. A máquina de datilografar afirma seu ritmo, persistente.

A voz de Simone entrecruza a digitação, sem dar a ver de onde vem.

SIMONE

A casa limpa, finalmente! Tudo o que não presta, tiramos. Só assim podemos realmente dar início a uma vida nova. Como foi a minha depois de você, querida. Nada é definitivo, nossas necessidades estão se renovando, reciclando, a todo tempo.

Pausa.

A digitação cessa, como um longo respiro, e volta.

SIMONE

Olhava para baixo e via tudo acontecer ao meu redor, esperando que o mundo parasse para me esperar. Os meus movimentos lentos, a boca sem voz, como se a vida fosse o fundo do mar. Asfixiada pela sua ida. Saio eu também. Tem prazer na dor que a sua falta me faz. Como dizem: “tudo tem um motivo para acontecer”. A sua morte é o preço de ter uma casa limpa.

Simone está sozinha no beco, deitada na caçamba, em meio ao lixo. Está algemada e uma mordança pende de seu queixo. A boca finalmente livre.

SIMONE

Eu imagino, eu mereço.

FIM

N.R.I

IN OUT

Normal Bias 120 μ sEQ

A/60



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

Andressa Hazboun
Gabriel Barros
Gabriela Giffoni
Pablo Kaschner
Pedro Leal David



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

PERSONAGENS

SEREIA

FILHO

RADIALISTA

GAROTA DA FITA K7

CONDUTOR

MAZÉ

-

PRIMEIRO MOVIMENTO

SEREIA – Moderato 112 BPM

- Schnell!
- Ich kann es nicht finden.
- Ich habe es dir schon hundert Mal gesagt: Du sollst es in die kleine Tasche stecken!! Da ist es am einfachsten zu erreichen!
- Ich kann es nicht finden!
- Die größere Tasche ist für ein Kleidungsstück, Snack und Wasser gedacht – Scheiß heisses Land ist das! – die mittelgroße Tasche ist für die Karte, Münzen und solche Sachen gedacht. Mein Gott, wie oft muss ich dir sagen, der Geldbeutel kommt in die kleinste Tasche, wo es am einfachsten ist zu öffnen/

Uma bicicleta presa a um poste.

SEREIA – Allegro 120

FILHO – Caralho. Caralhoouooo. Caralho. Puta que pariu.

Um guarda chega.

– Que é que tá acontecendo aqui?

FILHO – Alguém colocou uma tranca na minha bicicleta. É pegadinha essa porra?

– Não foi você que perdeu a chave?

FILHO – Cara. A minha tranca é essa aqui, não tá vendo?



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

ESTRONDO.

S R I

E E A – Allegretto 130 BPM

– Ô rapaz, segura tua onda aí. Tô tentando ajudar.

Filho tenta abrir a tranca à força.

FILHO – Tem coisa que só acontece comigo. Puta merda!

SEREIA – Allegro 140 BPM.

– Tenta com essa pedra.

Burburinho.

FILHO – Essas trancas não quebram fácil assim não.

– Um casal de gringos parece, explodiu.

– Nesse teu muque aí é que não vai sair. Tenta, porra! Não tá fodido, já?

Filho bate com a pedra no cadeado.

– A mulher saiu voando.

– Foi uma dessas que usaram para prender aquele menino no poste. Eu tava lá na ocorrência. Deu trabalho, mas tiraram. Por mim, tinha nem tirado. Deixava o moleque lá, pra aprender.

SEREIA – Moderato 112 BPM

A pedra se esfacela.

FILHO – Não vai rolar. Pô, seu guarda, o senhor tem 3 e 20 aí pra eu pegar o metrô?

– Hoje não é meu dia mesmo. Emprestar dinheiro pra maconheiro. Puta que pariu!

RADIALISTA – Booom, blam, pow, zap, páááá, pei, plau! Sim, senhores ouvintes da rádio com a menor, porém mais qualificada audiência do Brasil. Hoje eu quero falar de onomatopeia, sim, essa palavra linda que é o nome daquele bichinho que fica andando no jardim e tem cem pés. Hein? Claro que não é. Vou explicar pra vocês o que é onomatopeia. Para isso, preciso da ajuda dele, o único, o insuperável dicionário Caldas Aulete. Aliás, alô família Caldas Aulete, se estiver escutando, favor mandar um qualquer. Vamos lá. Onomatopeia. “Modo de formação de palavras que consis/

SEREIA – Adagietto 66 BPM

Garota da fita k7 ouve uma gravação.

Ela rebobina a fita k7 com uma caneta.

Ouve.

Ela rebobina a fita k7 com caneta mais uma vez.

RADIALISTA – que consiste na imitação fonética do som emitido pelo referente. Lembram do quadrinho da Turma da Mônica, do Batman? Pow, soc, tum, splash, bang. É por aí. O concurso vai ser o seguinte: vocês têm que me mandar aquela onomatopeia que vocês acham que representa o som mais alto que existe.

EXPLOÇÃO.

RADIALISTA – Ouviram? É o que eu digo: esse programa, não sei não. Tem coisa aí. O prêmio é o seguinte, caro ouvinte: a pessoa vai poder escolher duas canções para o Top Five de hoje. Então, vamos seguir com a nossa programação musical. Podem continuar. Um. Dois. Três. Quatro.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

SEREIA – Allegro 120

Mazé tamborila numa tampa de bueiro, ora dentro ora fora do andamento da Sereia, cada vez com mais intensidade até se sobrepor a ele.

MAZÉ – Não é a tentação que vem debaixo, é a tentativa. Sei bem. Bem sei. De cima. Lá do alto. Pra além. Pra além tem eles. Eles lá. Os discos do além. Ainda vão salvar. Porque eles tão junto com quem tá debaixo. Os discos lá de cima. De extraterrestre não têm nada. É tudo vivo! É tudo sabido. Sabido. Sábado. Domingo. Segunda. Todo dia. Eles vêm voando, os discos voadores. Lá do alto nada, é de debaixo que vêm. Vão salvar nós tudo. Vão não. Se vão. Se voam. Vão e voam. Os discos que descolam do chão. É a tentativa. Eu tava aqui quieta, no meu canto. Daí eles me desassossega. Quer que eu fique calada. Então melhor não sair do chão. Tentativa eu também. Tentaçãõ vai pra longe. Querem que eu fique calada. Dor mímica. Sábado. Domingo. Eles vêm voando. Ainda bem que não é voadora. É voador o disco que saiu da terra e fala bem aqui do lado, do lado do buraco que fica. É voador o disco que descolou da terra. Do túnel se moveu a serpente de ferro e comeu tudo isso. Acaba o espaço na terra. O disco descola. Voador disco em vão, em vós, voz. O disco decola.

Um rapaz escuta o walkman.

SEREIA – Andante Moderato 100 BPM

– Não dá para ouvir direito.

GAROTA DA FITA K7 – Fala mais baixo, eu tô do seu lado.

– Oi?

GAROTA DA FITA K7 – Sai de cima de mim.

– A voz desse cara é engraçada. Parece meu bisavô falando aquelas pragas da Bíblia.

GAROTA DA FITA K7 – Profecias.

– Isso. Praga em forma de profecias.

GAROTA DA FITA K7 – Você não tem medo?

– Do quê?

GAROTA DA FITA K7 – Que essas coisas aconteçam.

– É só um velho lendo a bíblia.

GAROTA DA FITA K7 – Então você acha coincidência que eu tenha ouvido essa fita logo hoje? Não acredita nos sinais?

– Que sinais, cara?

GAROTA DA FITA K7 – Do fim.

– E você foi a escolhida para receber os sinais?

GAROTA DA FITA K7 – Sei lá. Alguém tem que ser.

– Hum...

GAROTA DA FITA K7 – Quê?

– Você. Você é dessas que fuça, fuça até conseguir finalmente sentir alguma parada, né?

RADIALISTA – Olha aqui. Tem hora que eu acho que eu elogio demais vocês. Ou eu falo grego-egípcio ou vocês estão com a cabeça meio fraquinha. Que foi? Andaram ouvindo a concorrência? Vocês querem é ouvir bolero-grude, musiquinha pra tomar com keep cooler, casar com sargento, ir morar em Vassouras, essas coisas. Porra, eu falei

CONDUTOR – Estamos esperando a liberação do tráfego à frente. Dentro de alguns instantes voltaremos a seguir ao nosso destino.

RADIALISTA – Porra, eu falei concurso da onomatopeia que representa o som mais alto e teve gente mandando áudio gritando, outros mandaram mensagem de texto escrevendo a onomatopeia em Caps Lock. O tamanho da letra não tem nada a ver com a altura do som. Eu posso escrever “Plau” com uma letra normalíssima, fonte 11, e essa é pra mim a onomatopeia que representa o som mais alto. Plau. Mas o pior, claro, foi o Rodrigo Lacerda, pra variar. Toda vez ele tenta sacanear meus concursos. Olha aqui o áudio que o infeliz mandou.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

– Zóimmmm, zuuummmm, vráááááááá Vá pá puta que pariu!

RADIALISTA – Que bonitinho, Rodrigo. Aprendeu a falar palavrão, foi? Que esperto! E tem mais. O pessoal aqui da rádio pediu pra eu não falar, mas eu vou falar. Essa pílula que o pessoal tá tomando pra ficar acordado tem um nome muito compli

CONDUTOR – Crash! Pá! Splaaaaash!

RADIALISTA – Muito complicado. Eu já tinha falado isso na semana passada. Esse troço assim não vai vender nada. Fenilo-orca é o cacete... Alertaína. Fica aí a sugestão. Sugestão não. Fica mudado o nome. Agora é Alertaína e estamos conversados.

– Atenção, 56-A, você deixou seu microfone aberto. Desligue imediatamente.

CONDUTOR – Copiado, central.

Condutor desliga o microfone e toma um comprimido.

RADIALISTA – Já já vai rolar o nosso Top Five, mas antes vamos dar aquela passada na concorrência para saber a quantas anda a demênciuiia do mundo. Nossos vizinhos de dial estão ouvindo:

“Se joga na minha”, do MC Joga;

“Mulher gostosa é petisco”, da dupla Gerson e Araújo;

Aquela música da borboleta, que eu me recuso a falar o nome aqui;

“Jesus é a Ciência”, na voz do Padre Eulálio;

E a balada tosca “Meu amor, eu te amo de paixão”, do cantor romântico Gustavo, com dois Ts.

É o que eu digo: a concorrência tem os números; eu, os corações. Porque aqui é diferente. Não tem jabá, não tem bispo e principalmente, não tem propaganda. Aqui quem escolhe o que toca sou eu.

Garota da fita K7 fala ao gravador.

SEREIA – Adagietto 66 BPM

GAROTA DA FITA K7 – No fim dos tempos, será visto por todos os seres humanos a imagem de uma mulher, que tem seu filho roubado por um monstro em forma de serpente. Como será o começo do fim? No contrafluxo da cidade, um casal de alemães, ele meio sem paciência com ela, que não consegue achar a carteira na mochila enorme. Ele talvez até grite com ela, afinal estão perdendo tempo. Ela não consegue achar a carteira. Ele diz que já falou cem vezes que é pra pôr a carteira no bolso menor. O bolso maior é pra uma peça de roupa, lanche, água – país quente da porra, esse – o médio é pro mapa, moedas essas coisas, meu Deus, quantas vezes vou ter que dizer que é pra pôr a carteira no bolso menor que. Ai. Acabou a fita.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

SEGUNDO MOVIMENTO

Um homem com o rosto coberto. A lanterna de seu capacete é a única luz desse lugar. Ele martela. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito.

SEREIA – Allegro Moderato 112 BPM

Um piano ao fundo.

– Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Oito. Cinco. Seis. Sete. Oito. Cinco. Seis. Sete. Oito. Concentra na coluna. Mãos esticadas para o alto. Pés em plié. Coluna ereta, gente. Com a esquerda. Sete. Oito. Sete. Oito.

Barulho de obra entra pela janela.

– Concentra na aula. Mantém. Sete. Oito. Sete. Oito. Mantém.

Barulho de celular tocando.

– Seu celular tá tocando.
– Isso não é da sua conta. Concentra na coluna. Na precisão. Sem precisão, fica tenebroso. Sete. Oito.
– É que seu celular tá tocando.
– Tá tocando muito.
– Seguindo. Cinco. Sei/.

MAZÉ – *Fiiiiiiiiiiiiiiiiica!*

A professora vai fechar a janela.

- Sete. Oito. Inferno essa sala sem ar-condicionado. Sete. Oito. Sete. Oito.
- Professora?

MAZÉ – Mazé fiiiiica!

SEREIA – Moderato 112 BPM

MAZÉ – Vô ficar. Plantinha tá aqui. Mazé fica.

- Circula, senhora! A senhora tá atrapalhando os caras de fazerem os trabalhos deles. Depois dizem que a gente é violento. Tô aqui tentando resolver com a senhora há mais de dez minutos.

Condutor se encaminha para a entrada da estação.

MAZÉ – É ele! Tu escondeu.

- Ô, minha tia! Deixa o homem em paz. Não me faz perder a paciência com a senhora.

CONDUTOR – O que tá acontecendo?

MAZÉ – Vai vendo tu, que eu vi.

- Colabora! Circulando. Um, dois, três, vou contar, hein?

CONDUTOR – Tá com algum problema, Mazé?

- O senhor pode falar com a tua amiga que se ela não colaborar, a gente vai ter que dar um jeito que talvez não seja o mais educado.

MAZÉ – Eles bota abaixo, tu esconde embaixo da terra.

CONDUTOR – Deixa ela, ela é daqui.

- Como “daqui”, meu senhor? Aqui é público. Não é pra ficar parado não. E aqui nem vai ter mais. Aqui vai ter uma nova calçada.

MAZÉ – Mazé criou plantinha. Plantinha não arreda pé.

CONDUTOR – Mazé, vem comigo. A gente leva suas coisas pro outro lado da rua.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

MAZÉ – Nããão.

– Mas é abusada! Olha aqui, senhora, essa calçada não é sua.

MAZÉ – Mas a plantinha é. Vai dar flor. Vou dar de presente.

– Vou trazer outras coisas de presente para senhora, se continuar me respondendo e não saindo daqui.

CONDUTOR - Mazé, vem comigo.

– Isso, leva sua amiga daqui. Porque eu já tô por aqui com ela.

MAZÉ – Mazé tá há mais tempo aqui com ela do que o senhor, meu senhor!

CONDUTOR – A gente vai sair daqui.

– Leva isso daqui mesmo! Podia levar pra tua casa logo. Vai!

MAZÉ – E a plantinha? Vão arrancar da raiz? Cabeça só tinha o chão aí lá vai. Mas quando o chão tá com plantinha, Mazé quer ficar. Arrancam Mazé de tudo que é canto e lá vai ela e ela aceita. Mazé avoa pela cidade. Vê tudo. Ninguém vê. Mazé grita. Ninguém vê. Mas, se Mazé fica, logo tem que ir. E vai, sempre foi o que veio pra ser. Vai. Mas plantinha nasceu no chão, ela fica. Planta não voa, não tem burra aqui não. Tem?

CONDUTOR – Não tem nada.

MAZÉ – Se Mazé nadasse iria pro fundo. Mas ó. Eu vi vi, viu? Tu! Vai vendo.

CONDUTOR – Viu o que, Mazé? Tem nada pra ver...

MAZÉ – Vi tu!f

Música de conforto

FILHO – Tá faltando troco

– Tá faltando você me dar o restante da passagem.

FILHO – Como assim? Tá aí.

– É quatro e dez. Faltam vinte centavos.

RADIALISTA – Evoé, amigo ouvinte, hoje o dia já começou no fim. Dos tempos. Enquanto vocês pensam, vamos de música.

Comercial da Alertaína.

– Alerta geral! Alerta geral! Alertaína!

RADIALISTA – (*fora do microfone*) Ué, propaganda aqui? Que história é essa? (pra rádio) E tão usando o nome que eu dei, heim. Vou pedir royalties. Roubam tudo nessa merda. Se roubam até as vigas da Perimetral... Daqui a pouco liberam a jogatina de novo e vão inaugurar o cassino o quê? De Las Vagas!

SEREIA – Alegro ma non tropo 117 BPM

– Parece que era mulher.
– Era mulher, sim.
– Não aguentou.
– Era magra que só ela.
– É aquela moça, meio velha.
– A bailarina?
– A professora.
– Ela? Sei.
– Observe o vão que existe entre o trem e a plat/

– Atenção, composição 56-A: alerta código zero.

CONDUTOR – Estamos esperando a liberação do tráfego à frente. Dentro de alguns instantes voltaremos a seguir ao nosso destino.

– Corpo será retirado dos trilhos em dois minutos.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

RADIALISTA – Observem o vão. O que separa. O vão das coisas. O vão que existe entre as palavras e as coisas. Vam! Vam que vam! Vamos escutar a música nova de Léo, ao léu, o cantor das multidões.

– Embarquei na tua nau / Sem rumo. Eu e tu. / Tu, porque não sabias / Para onde querias ir / Eu, porque já tomei muitos rumos / Sem chegar a lugar nenhum.

RADIALISTA – Isso é poesia pura, meu povo! Reparem no lírico cacófato do primeiro verso: “Embarquei na tua nau”. Será que vocês conseguem fazer melhor? Me deu na telha aqui e eu vou lançar mais um concurso para vocês provarem que sim, ainda há vida inteligente nessa cidade. O patrão tinha me proibido de fazer concursos, mas não tô nem aqui, até parece que ele escuta meu programa. Aliás, alô, Washington Turco! Alô, meu abençoado patrão! Onde quer que você esteja aí no Planalto Central, dê uma ligada pra sua queridíssima rádio. Ela tá com saudade e com uns assuntos pra resolver. Tá na hora de liberar mais espaço pro titio aqui trabalhar. Então, mando pra vocês o novo concurso! O concurso de cacófatos! Na vez passada vi ela naquela viela onde assam as vespas. Vamos usar a criatividade!

Radialista põe uma música.

RADIALISTA – Alô, oi? O Seu Washington? Pode passar pra ele. / Salve meu depupastor, meu pastorado! Como vai essa força, seu Washington?

– Olha, meu filho, eu não estou para brincadeira hoje, viu?

RADIALISTA – Desculpe seu Washington, como está a saúde?

– Melhor que a sua certamente, que não para de berrar aí nesse microfone. Escuta, meu filho, algumas coisas vão mudar aí na rádio. Estou querendo dar mais espaço para você. O pessoal passou aqui no Congresso a tal da Alertaina. Agora já dá pra fazer propaganda.

RADIALISTA – É, eu vi. Inclusive usaram o nom...

– Então o senhor vá tocando o seu programa, normalmente, e pode usar os dois horários de depois, que eram do pastor Urândio.

RADIALISTA – Urândio.

– Isso, isso. Mas você pega os horários dele e nas quintas-feiras, pega o dia todo e toca direto até a segunda de manhã.

RADIALISTA – Ô, seu Washington, não sei nem como agradecer.

– E são cinquenta e quatro reclames de Alertaína por dia, viu? Dá mais do que dois por hora. Cinquenta e quatro. Não pode esquecer.

RADIALISTA – Pode deixar. Até mais ver.

– Até mais.

SEREIA – Andante Moderato 100 BPM

Garota da fita K7 está com seu martelo quebrando fitas K7, com fones de ouvido com alguma música alta tocando.

FILHO – Moça? Licença. Moça?

GAROTA DA FITA K7 – Hã?

FILHO – Desculpa... é que... (aponta para o ouvido)

GAROTA DA FITA K7 – Ah, foi mal. (tira o fone)

FILHO – Olvido.

GAROTA DA FITA K7 – Oi?

FILHO – “Olvido” quer dizer “esquecimento” em espanhol.

GAROTA DA FITA K7 – Podes crer.

FILHO – Seria bom se existisse um “fone de olvido”. A gente colocava e esquecia algumas coisas.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

GAROTA DA FITA K7 – Se o problema fosse esquecer, você provavelmente não estaria aqui.

FILHO – Verdade.

GAROTA DA FITA K7 – O que tem na fita?

FILHO – Meu pai.

GAROTA DA FITA K7 – Compacto ele!

FILHO – A voz dele. Acho que tá nessa fita e eu queria ouvir de novo.

GAROTA DA FITA K7 – Hum, você fala tipo romântico, né?

FILHO – Não.

GAROTA DA FITA K7 – Mas olha, já vou te adiantando que tá difícil a história aqui, tem uns amassados, mofo nessa parte...

FILHO – Faz o que for possível.

GAROTA DA FITA K7 – Não dá pra garantir que vai ficar perfeito.

FILHO – O que for possível.

GAROTA DA FITA K7 – Possível, até o mundo acabar é possível.

FILHO – Isso é pra me encher de esperanças?

GAROTA DA FITA K7 – Talvez.

FILHO – Você fala tipo maluquice.

GAROTA DA FITA K7 – Toma o número.

FILHO – Seu número?

GAROTA DA FITA K7 – O número de ordem do pedido.

FILHO – Se ficar pronto antes do fim do mundo, tá ótimo.

GAROTA DA FITA K7 – Vou fazer o que for possível.

A Garota da fita k7 põe a fita do Filho em uma pilha. Pega uma pilha de fitas velhas e volta a martelar. Vendo o Filho ir embora faz uma nota no seu gravador pessoal.

GAROTA DA FITA K7 – Talvez, os sinais estejam lá fora.

TERCEIRO MOVIMENTO

SEREIA – Allegreto 120 BPM

– Velha! Maluca!

– Ô “passa fome”!

MAZÉ – PLHAHHH BREHHH PROWWWW! BROOWWWWW! Vou tacar hein!

– Taca, velha maluca!

Risadas. Outra conversa chama a atenção de Mazé.

– Eu trabalho aqui há mais de vinte anos.

MAZÉ – O homem contava carneirinho!

– São normas da empresa, senhora.

MAZÉ – Eu contei os carrinho de supermercado.

– Mas... Eu...

MAZÉ – Mas é! Um. Dois. Três...

– Eu só estou fazendo o meu trabalho.



MAZÉ – Carrinho é que nem fio elétrico. Oito, nove, dez, onze e na carne e no sangue tem os nervos e doze e treze, os fios elétricos também, quatorze, e agora os deuses que moram na caixinha, eles conseguem. vinte, vinte e um, os carrinhos tão tudo tossindo, trinta, desde que as serpentes sumiram, trinta e três, iam pro miolo num foram quarenta, cinquenta e um, cinquenta e dois, cinquenta e três, cinquenta e quatro. Eu contei direitinho! Cinquenta e quatro serpentes não tem mais! Tentativa abusada. Cinquenta e quatro é muito. Era pra ter ido, mas num foram. Plantinha era pra ter ficado, mas num ficou. E eu que tava no miolo, fui pra boca da serpente, tô quase chegando no rabo do caracol e não escolhi um passo ainda.

- Só estou fazendo o meu trabalho.
- E o seu trabalho é ferrar os outros?
- São só umas perguntas. Não estamos te acusando de nada.
- Vocês estão querendo me ferrar. Eu já disse que não vi nada. Cala a boca, velha!
- Calma.
- Eu não consigo pensar com essa mulher falando.
- O que que ela está falando, hein?
- E eu sei lá. É doida da rua.
- Dá um trocado que ela vai embora.
- Não dou dinheiro pra essa gente gastar com cachaça.
- Mas vamos voltar aqui pro nosso assunto.
- Não tem nenhum assunto, já falei.
- Meu amigo, eu acho melhor você colaborar. O negócio sumiu no teu turno. Pode dar ruim pra você.
- Mas eu já falei: eu não vi nada. Não sei de nada. Cala a boca, sua maluca.
- Calma. Olha lá. Tão vindo tirar ela daqui.

- Já vai tarde.
- Agora, resolve comigo.
- Não tenho nada pra resolver contigo, meu amigo. E não adianta que não vou assinar nada.

Propaganda de Alertaína ao fundo.

RADIALISTA *(ao celular)* – Eu tô no meio do trabalho. Eu já disse que eu vou. Vou direto pra lá, ok?

Radialista suspira e demora a perceber que a propaganda acabou.

RADIALISTA – *(para a rádio)* Uma vez, num sebo, eu vi um cara limpando uma máquina de corte. Vocês sabem o que é uma máquina de corte?

FILHO *(com fones)* – Sei lá, caralho. Coisa de cabeleireiro.

RADIALISTA – A máquina de corte era um negócio usado pra fazer a matriz dos discos de vinil. Chama corte porque ela cortava mesmo o disco de acetato, fazia ali os sulcos. Não é suco. É sullllco. Buraco comprido, cânion.

SEREIA – Allegro 120.

FILHO – Não acredito!

Filho vê um guarda soltando sua bicicleta

FILHO – Finalmente! Cara, muito obrigado! Como você conseguiu...

– Dá licença, garoto. *(para o outra pessoa)*
Pode vir.

SEREIA – Allegro 140

FILHO – Peraí, essa bicicleta é minha.

– É?

FILHO – É!

– Então isso deve ser seu também.

FILHO – Quê que é isso? Peraí, cara, eu não vou pagar essa multa, prenderam a minha bicicleta/

RADIALISTA – O disco de vinil tem sulco, umas trilhas por onde a agulha passa e aí sai o som. A máquina de corte grava a música em forma de sulco e a agulha passa por ali e lê a música. A máquina que eu vi no sebo tinha uma espécie de microscópio acoplado. O dono do sebo, um senhorzinho que tinha um óculos verde garrafa quadrados, o pessoal chamava ele de Chico Televisão. Ele já veio lá de dentro com um pedacinho de flanela na mão. Me deu um sorriso largo, limpou a lente do tal microscópio e falou "olha como é bonito".



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

Filho tira o fone

SEREIA – ALLEGRO 160.

FILHO – Ô, não leva a bicicleta não! Peraí, cara, prenderam a minha bicicleta aqui/ Porra, qual é! Você viu o que aconteceu! Ei, vocês não podem levar ela assim!

– Solta aí, senão, além da multa, você vai ser preso. Paga lá e depois vai ao depósito buscar.

FILHO – E vou fazer como? Levo o número da placa? O chassi? Caralho!

SEREIA – Allegro 120.

Filho desiste. Põe o fone.

RADIALISTA – Magnificent desolation. Eu vi os sulcos no microscópio e eram trilhas, vales. E qualquer gotinha de água, qualquer grãozinho mais brilhante, qualquer pelo, tudo habitava aquela superfície lunar como vaga-lumes. Eu fiquei olhando, pasmo, imaginando que aquelas ranhuras, aquelas fibras, aquelas torções semi-vulcânicas eram aquela voz linda do Belafonte cantando Matilda. Ouçam aí o som que não vem dos sulcos, mas dá um fresco nessa quase noite quase insana:

FILHO – Só falta aquela menina maluca martelar...

Filho disca um número.

FILHO – Eu preciso mandar um recado.

RADIALISTA – E eu preciso de amor materno. Fala cinco músicas pro Top Five.

FILHO – Tá ao vivo isso? Tem alguém ouvindo?

RADIALISTA – Oi? Tem.

FILHO – Olha, menina que tá restaurando a fita do meu pai, se não der certo, por favor, deixa a fita aí, sei lá... Só não destrói tudo.

RADIALISTA – Só eu tô te ouvindo, ô coala! Você disse fita?

FILHO – Tem como dar esse recado?

RADIALISTA – Não sou pombo-correio. Trabalho com Top Five, histórias originais, plágios e reclames. K7 ou VHS?

FILHO – K7. É uma fita antiga, acho que tem meu pai cantando.

RADIALISTA – Saudades da voz do velho?

RADIALISTA – O máximo que eu posso fazer por você é tocar umas músicas que ele gostava. Manda o Top Five aí.

FILHO – “Ain’t no mountain high enough” – Marvin Gaye, “Eyes without a Face” – Billy Idol, “Eu ainda vou transar com você” dos Mutantes, “Pale Blue Eyes” – Velvet Undergroud, “Coqueiro Verde” Erasmo. E o meu recado?

RADIALISTA – Cara, não vai rolar.

FILHO – Por quê?

RADIALISTA – Por que... Por que... Algumas coisas têm que ser ditas diretamente e... Por que eu não sou interlocutor de mimimi, beleza? Todo mundo tem problemas e... Sei lá... Acha essa garota na internet e salva lá a fita do teu pai. Boa sorte.

FILHO – Cara... Obrigado.

RADIALISTA – E agora, um Top Five de pai pra filho!

SEREIA – Adagietto 66 BPM

GAROTA DA FITA K7 (*ao gravador*) – O diabo desce a terra, grita “game over” e leva todo mundo/

– Zzzzi!

SEREIA – Andante Moderato 100 BPM

GAROTA DA FITA K7 – Merda!



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

A Garota da Fita K7 tira a fita do gravador e rebobina com uma caneta bic.

CONDUTOR – Tá agarrando?

GAROTA DA FITA K7 – Oi?

CONDUTOR – Deixa eu ver isso.

GAROTA DA FITA K7 – Você entende?

CONDUTOR – Alguma coisa.

GAROTA DA FITA K7 – Cuidado, tá.

CONDUTOR – Você é a garota que faz sinal pro metrô parar.

GAROTA DA FITA K7 – Você trabalha aqui?

CONDUTOR – Muita gente faz sinal pro metrô. É até perigoso. Uma pessoa dessas passa da linha... Pronto.

GAROTA DA FITA K7 – Deu certo?

CONDUTOR – Acho que sim. Tenho que ir.

A Garota testa a fita.

GAROTA DA FITA K7 (*grita para o Condutor*) – Deu certo, muito obrigada. (*ao gravador*) Então, o diabo desce a terra, grita “Game over” e leva todo mundo num trem. E no fim da linha um sinal: cada um deve decidir o próprio fim. Péssimo.

A Garota toma um comprimido.

Radialista se arruma para ir embora da rádio. Prestes a sair, checa o celular.

RADIALISTA – Caralho, roubaram os trens, eu disse cinquenta e quatro trens! Cinquentequatrotrens, cinquentequatrotrens, cinquentequatrotrens, cinquentequatrotrens, caralhoooooooooooooooooooooooooooo! E eu ainda me caguei todo quando eu e o Leo roubamos o Nevermind numa Lojas Americanas. O Leo enfiando o CD dentro das calças, eu com medo de roubar um miserável CD. Será que enfiaram cinquenta e quatro trens dentro das calças? Como é que faz? O concurso de hoje é esse. Como é que se roubam cinquenta e quatro trens? Só não vale apelar pra tinta invisível, teletransporte, abdução. De resto, vale tudo, Física Atlântica, Neogótica Subtropical de Atitude, Teoria Cinética da Pan-Soja Tranjéssica, serve qualquer merda.

Som de áudio chegando.

RADIALISTA – Olha aí, áudio chegando. E aqui é daquele jeito, a gente abre a jaula e solta a fera.

– Vrá.Vrá.Vrá. Vá-pá-puta-que-os-parens, enfia esse trem no caos.

RADIALISTA – Rodrigo Lacerda, o capitão do golpe de vento, ainda te arrebento. Vocês não entenderam! São cinquenta e quatro trens, Cinquentequatrotrens, Cinquentequatrotrens, cinquentequatrotrens-cinquentequatrotrens-cinquentequatrotrens cinquentequatrotrens Piuí! Mandem áudios com piuí, que eu sou sozinho pra caralho nessa rádio. Cinquentequatrotrens, Cinquentequatrotrens, Cinquentequatrotrens, Cinquentequatrotrens.

Som de áudio chegando.

– Piuíííí!

RADIALISTA – Muito obrigado. Cinquentequatrotrens, cinquetequatro trens, cinquenta e quatro trens, trentrens, tren-neném. Chega! Chega de delírio. Eu quero saber como é que se roubam cinquenta e quatro trens na cara de todo mundo. Encostaram uma Parati? Deve ter sido um Del Rey, que tem a mala maior.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

Som de áudio chegando.

– Eu não acredito que liguei o rádio/

RADIALISTA – Eu já sei! Tava era faltando Alertaína! O segurança da empresa não viu nada, o pessoal do entorno não viu nada, até as câmeras de segurança não viram nada! Se não foi por falta de Alertaína, foi por falta de vergonha na cara, e pra isso ainda não inventaram remédio! Mas pra vocês que estão alertinhas, o nosso mais novo patrocinador vai ajudar a disfarçar essas olheiras: são os sensacionais óculos escuros “Quem-não-tem-colírio”.

Solta a propaganda da Alertaína e ouve o áudio sozinho.

– Eu não acredito que liguei o rádio e ouvi a sua voz.

O Radialista disca um número.

SEREIA – Vivace 168 BPM

– Mais de duas horas.

RADIALISTA – Eu tô com a cabeça a mil, cara.

– Você já esperou alguém por mais de seis horas?

RADIALISTA – Foi vacilo, mas eu tinha que dar conta aqui. Não parei. Tão tirando meu couro.

– Não teve nem tempo de avisar?

RADIALISTA – Você não/

– “Alô, oi fulano”.

RADIALISTA – tem noção.

– “tem como buscar a menina no balé?”

RADIALISTA – Eu tô dando conta de três turnos, sozinho/

– Ela acabou de perder a professora.

RADIALISTA – Eu soube. Foi no metrô, né?

– E agora teve que lidar com outra perd/

RADIALISTA – Também não é assim, da próxima vez eu vou estar.

– Cada vez mais ausente, vai termin/

RADIALISTA – Eu vou buscar ela na próxima, eu prometo. Vou organizar aqui os horários.

– Sei.

RADIALISTA – Resolvido, então. Aula que vem é comigo, tá? A gente se fala.

SEREIA – Moderato 112 BPM.

– É Mazé, é? O que você tá fazendo aqui?

MAZÉ – Tô andando ao contrário pra ver se chego mais cedo.

– Ih! Mazé, toma cuidado! Tá tudo muito perigoso.

MAZÉ – Mazé toma cuidado. Minha mãe ficou pra cima e pra baixo com Mazé. Ela era mais loirinha que você. E que eu também. E não era casa de pombo não. Era de carrinho!

– Toma isso aqui. Quando ficar de noite, você se cobre. Tem uma praça descendo essa rua parece que é tranquila.

MAZÉ – Tem banco sem braço lá?

– Tem uns bancos lá.

MAZÉ – Mas tem mão?

– Não sei, Mazé.

MAZÉ – Então vou andar ao contrário mais um pouco. Senão, chego no rabo do caracol. E lá não quero chegar nem mortinha.

– Mazé.

MAZÉ – Oi.

– Se cuida.

MAZÉ – Se cuida tu também. Tão engolindo serpente por aí.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

QUARTO MOVIMENTO

SEREIA – Andante 75 BPM

Música de conforto

- Mind the Gap.
- Não ultrapasse a faixa amarela.
- Portas se fechando.

Som de passarinhos. A garota da fita k7 está em pé, no metrô. Um homem entra. Põe um chapéu no chão e tira um violino. Toca algo como “twinkle, twinkle little star”.

GAROTA DA FITA K7 (ao gravador) – O metrô segue. Sigo na busca por sinais do fim dos tempos. Me peguei pensando se de repente uma partícula de vida extraterrestre cismasse com a gente, se cansasse da vida e colidisse com terra. Um ataque terrorista de verdade.

SEREIA – Adagietto 66 BPM

GAROTA DA FITA K7 (ao gravador) – Ainda escrevo uma história sem personagens definidos. Será que pra falar do apocalipse seria mais fácil tentar falar de algum Deus, estrelas, ou, então, dos/ Essa música tá tão bonita.

– Disembark on the right.

GAROTA DA FITA K7 – Uma garota de amarelo passa lá fora. Na camisa dela, uma imagem dos padrinhos mágicos. Será que ela é a minha protagonista? Um velho chinês dorme e baba nos ombros de um homem impassível. Serão eles? Um garotinho fala com a mãe que aprendeu a calcular... a idade dos sapos. Um segurança passa do lado de fora, olhando/ Sh! Fica quieto. Tem um segurança olhando.

A música para.

– Abaixo a ditadura! Deixa o músico em paz!

GAROTA DA FITA K7 – Eu só tava/

– Portas se fechando.

GAROTA DA FITA K7 – Pode continuar tocando.

Um violinista toca algo como “La vie en rose”.

GAROTA DA FITA K7 (ao gravador) – Um cara que estava perto e viu exatamente o que ela fez sorri para ela. Ela, sem querer, olha flertando. Ele olha flertando de volta. Birds sing from above.

– Próxima estação.

GAROTA DA FITA K7 – O cara sai. Ela olha. Ele olha lá. Fim dessa história.

SEREIA – Allegretto 120... Andante 75 BPM... Adagio 60 BPM.... Largo 50 BPM Grave 30 BPM...

Um violinista empurra com o pé seu chapéu. A garota vai pegar o dinheiro e deixa a fita do Filho cair.

A ESCURIDÃO TOMA A CIDADE

SEREIA – Larghissimo 0 BPM

RADIALISTA – Escutem isso

No breu, o Radialista fuma, escutando a sua sinfonia preferida: o silêncio do tempo presente (33”).



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

Aplauda.

Filho com um celular aceso na mão. O celular apaga.

FILHO – Tá bom, tá bom. Talvez eu não goste do escuro. Que andar é esse? Puta que pariu, tem coisa que só acontece comigo. Eu tenho medo de cair. Olha só, tá arrependido! Tá com medo da solidão! Essa solidão que você mesmo cavou. Pai. Não faz isso comigo agora, velho. Você sabe que eu nunca curti muito essa parada de escuro. Você devia ter me escutado. Do chão ninguém passa. O chão é o limite. Eu não vou te culpar de nada. Não é culpa, são fatos. Tem alguém aí do lado? Eu proponho uma brincadeira. Diz uma palavra e eu tenho que falar alguma palavra que me remeta imediatamente a essa palavra, mas que não comece nem com C, nem com S, nem seja composta. Chama-se C, S ou composta. Diz uma palavra. Vai. Diz uma palavra.

Vamos lá então. Palavra. Frase. Enunciado. Mensagem. SMS. Merda. Perdi. Outra palavra.

Palavra. Fala. Boca. Voz. Barulho. Multidão. Cida/ Mundo. História. Geografia. Depressões. Remédio. Alertaína. Pane. Trem. Movimento. Ciclo. Caralho! Outra brincadeira. Por favor, fala comigo. A gente tá tão perto. Por que ficar sozinho nesse breu?

Um violinista toca algo como "Acalanto - Dorival Caymmi".

- Pessoal, que tal a gente sentar pra não ter nenhum acidente...
- Mãe,
- Pode ser, mas sai de trás!
- Eu não vou ficar esperando sentado!
- Eu tava aqui antes!
- Calma gente, calma.
- Calma o caralho!



- A gente paga cinco e noventa e é essa droga de serviço.
- Cadê o alarme?
- Melhor sentar mesmo por que tem sempre um imbecil pra se aproveitar das pessoas!
- Procura a saída de emergência.
- Filho da puta!
- Mãe!
- Quebra a janela!
- Como não têm luzes de emergência?
- Tá achando que é cinema?
- Ficou louco?
- Quebra!
- Mãe!
- Não respeita com luz imagina sem!
- Fala garota!
- Quebra!
- Deixa de drama.
- Vão cobrar na tua conta!
- Liga a lanterna quem tiver celular!
- Tem câmera filmando.
- Não dá pra ver, idiota.
- Tô com fome.
- Câmera enxerga no escuro, idiota!
- Caralho eu não tô achando o meu celular!
- Não tem eletricidade, idiota!
- Eu que não tiro o meu do bolso!
- Não, Beatriz! Não é possível.
- Não é possível que não tenha um gerador!
- Então quebra!
- Pena que não foi num supermercado.
- Que calor!

- Você comeu antes de sair!
- Será que vai demorar muito?
- A senhora tá passando mal aqui!
- Fome é o que você tá precisando passar!
- Abre espaço gente!
- Pelo amor de Deus!
- Aleluia!
- Shh! Dá pra falar menos?
- Que estação é essa?
- Cala a boca!
- Fecha a boca, Beatriz!
- Vocês ficam falando, vai acabar o oxigênio aqui dentro!
- Manhêêêêêêêê...
- *Choro de criança*
- Beatriz, você tá gorda, minha filha.

GAROTA DA FITA K7 (*ao gravador*) – Deve ser esse o fim. Dizem que nunca é como a gente quer.

– Tá falando com quem, moça?

MAZÉ – S...Ss...Sss...Ssss...Sssss...Ssssss...Ssssss. Si. Si dúvida. Si duvida. Si não sei si tá certo. Si, tô falando há muito tempo que a cidade não sabe envelhecer. Carcomida, embaralhada, pedra frouxa, tá tudo enterrada de cima pra baixo ao contrário. Serpenteia. Tô voltando! Que no negrume ninguém tem nome de nada, errigê, registrado... Identidade de qualquer coisa... Pode perguntar. No cêpêéfe não tem letra nenhuma. Quem tá longe, tá longe, tá lá no fim do caracol, vem pro miolo pra largar suor, volta pra dormir em pé dentro da Serpente de ferro. Serpenteia. Tá todo mundo dormindo, mas vai acordar de uma vez só... E vai ficar de olho aberto...



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

Mas quem tem olho aberto o tempo todo esquece de olhar pra baixo... Eu venho aqui pra cima pra olhar pra baixo. Dá pra ver o caracol direitinho daqui. Tá ficando tudo cor de pedra. Tem que olhar pra baixo até olhar pra dentro. Mas passa rápido não vê nada. Quando o sol apaga e a bola lua sobe no céu, o moço da caixinha avisa direitinho e o povo ri, ri mais não escuta certo. Serpenteia. Tô dizendo desde amanhã. Vaaaaaaai! Os desgraçados me pegaram como se eu fosse monstro-fera, o insignificante não teve coragem nem de trazer café. MAZEEEEEEEEEEEÉ! Antes de nascer eu já tinha esse nome. Eu cozinheiro palavra, pra jogar na cara de quem não me deixa ficar parada. Não me perturba! Serpenteia. Que o que eu chamo de coração vai sair da boca. O garoto vai ficar andando a vida toda e não vai achar o que todo mundo já ouviu. O mundo acaba quando a gente morre, antes disso é invenção de história antiga. Tá todo mundo procurando com ouvido. E o mais importante é o que ninguém falou. Mas vão falar. Pode me chamar de demente, doida. Assombração! Mas isso aqui... Isso aqui... Isso aqui não é lugar pra ninguém que pensa não... Vai ter que sentir o sentimento. E se me chamar de maluca... Eu retruco, Mazé! Mazééééé!

Lanterna no capacete de um homem com rosto coberto. Ele pega, com mãos trêmulas, um comprimido de Alertaína e toma. Some.

SEREIA – Grave 30 BPM... Largo 50 BPM... Adagio 60 BPM.... Andante 75 BPM... Allegretto 120 BPM

– Ei, Calma!

FILHO – Não pode C!

– Moço, a luz já voltou. Pode sair.

O Filho sai.

– Elevador subindo.

RADIALISTA – Eu tive uma grande iluminação. Ou melhor, eu escureci. Eu tive uma escurificação! Não se assustem, precipitados ouvintes, não virei pastor, não pretendo me candidatar, essa ainda é a sua rádio de sempre.

Som de mensagem chegando.

RADIALISTA – Ou não. É totalmente nova. Apaguei tudo. Vamos ouvir a escuridão. Nos apagar e estar aqui ainda. Eu sou o mesmo, eu sou outro. Meus ouvidos esbarraram nessa nossa má ravinosa cidade cheia de escombros mil, é pau, é pedra, é o fim da ciclovía é um longo caminho. Ainda. Fechem os olhos e me digam o que veem. É chegada a hora do talvez mais importante concurso que eu poderia propor em experiência a vocês: o concurso de radiofotografia ou fotoradialismo.

Som de mensagem chegando.

RADIALISTA – Vai ser fotoradialismo! Vamos apagar o entorno e retornar a nós, aos tímpanos. Existem coisas que são invisíveis para os olhos e não tô falando de sentimentozinho não. Essa porra aqui é séria, caralho! Apaguem. Entendam essa cidade/

Som de mensagem chegando. O Radialista lê finalmente. Puto. Hesita.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

RADIALISTA – E num oferecimento balas Nagulha, aquela que tem papel mas não te embrulha, mandem os seus áudios para o nosso concurso de fotoradialismo.

Acende um cigarro. Solta a propaganda da Alertaína. Solta a propaganda dos óculos escuros.

SEREIA – Adagietto 66 BPM

GAROTA DA FITA K7 – Coração a cento e vinte por minuto re
– rrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRrrrrrrrrr.

SEREIA – Vivace 160 BPM.

GAROTA DA FITA K7 – Meu cérebro diz que a moto passou direto mas meu coração demora pra recuperar a batida. Não existe lugar seguro. Nem embaixo da terra. Terra de homens. O fim parece se/

MAZÉ – Ai.

GAROTA DA FITA K7 – Desculpa, eu não vi a senhora.

MAZÉ – Tá quase acabando!

GAROTA DA FITA K7 – Senhor, senhora?

– Ô menina, teu gravador caiu no chão.

GAROTA DA FITA K7 – Ah, valeu. Ô senhora, o que você disse?

Mazé segue.

MAZÉ – Quase. Mais passo, menos passo eu chego. Tá quase acabando... Tô quase chegando.

QUINTO MOVIMENTO

SEREIA – Andante 75 BPM

Música de conforto

- Acho que demitiram o cara.
- Quem?
- Aquele, da 56-A.
- Ah, mas ele era tão caxias, tão certinho.
- Ah, então só pode estar doente.
- É, tava com uma cara de doente mesmo.
- Pilotar esse troço debaixo da terra não é mole não, rapá, tá pensando o quê?

SEREIA – Andante Moderato 100 BPM

– 52... 52... 52... Não vou chamar de novo não... Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Oito. 53.

GAROTA DA FITA K7 – Sou eu!

– Calma. Não corra. Não grite.

GAROTA DA FITA K7 – Desculpe

– Pois não.

GAROTA DA FITA K7 – Tô procurando uma fita, ela parece com essa aqui ó.

– Me deixa ver. Não tem fita igual a essa no catálogo não.

GAROTA DA FITA K7 – Mas é que perdi no vagão... Eu anotei até o número...

– Não tem fita, menina.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

GAROTA DA FITA K7 – Só um instanti/

– 54... 54/

GAROTA DA FITA K7 – Eu tenho certeza que deixei o número aq/

– 54.... 54.... Quem é o 55?

Filho chega ao local onde havia deixado a bicicleta e vê o guarda pedalando

SEREIA – Allegro 120

FILHO – Que porra é essa? É minha bike!

– Você não viu atrás da multa?

FILHO – Que multa?

– Você tinha cinco dias pra buscar.

FILHO – Porra, não tô acreditando.

– A bicicleta agora é da instituição. Parabéns.

FILHO – Como assim?

– Foi incorporada. Tava lá escrito.

FILHO – Escrito onde?

– Na multa.

Guarda sai.

O Radialista abre um áudio.

– Escuta, meu filho, a coisa tá um pouco complicada aqui em Brasília. Eu vou ter que sair um pouco de cena. Mas você vá tocando a rádio, que ela agora é todinha sua. De segunda a segunda. Parabéns! Só não pode esquecer de anunciar a Alertaína, viu? Tem que ter propaganda o dia todo. O pessoal vai aproveitar pra

tentar passar aqui no Congresso um negócio de vender sem receita. É mais receita pra gente, com o perdão do trocadilho. *(ri até engasgar)* Eita, meu filho. Esse negócio de piada é com você mesmo. Mas veja, vá tocando o barco aí. Eu confio em você.

FILHO – Alô... É da loja de fitas? Olha, vou atrasar um pouco, ainda não peguei minha bicicleta e ainda tenho que passar em outro lugar.. Tá tudo direitinho com a fita, né? Então como faço? Tá bom, tá bom.

– Você já saiu daí?

RADIALISTA – Ainda não. Vinte minutos. Acumulou um monte de propaganda com esse apag\

– Não precisa mais não. Fica aí com a sua rádio, suas bolinhas. Vou dar outro jeito.

RADIALISTA – Não para, galera! Vamos agora pro top 20... romântico?

Filho toma um comprimido.

FILHO – Se é romântico ir até o fim do mundo só para ouvir uma mensagem que tenha a voz do velho perdida num recado na secretária que... sei lá.

Áudios de recados variados: amigos, cobranças de conta, um engano... mesmo os recados banais têm uma dimensão não-banal em suas mensagens.

FILHO – Nunca é tarde. Meu pai sempre me perguntava se “nunca é tarde?” ou “nunca *(pausa)* é tarde?”, e não entendia o que ele queria dizer com aquilo. Eu devia ter ouvido mais meu pai. Olvido.

O Filho deleta até a secretária emitir a mensagem automática: “você não possui mensagens”.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

A Garota da Fita K7 grava assobios num gravador.

– Observe atentamente o vão.

SEREIA - Vivacissimo 180BMP.

- Caralho, sinistro.
- Levou árvore, levou carro, levou tudo.
- Será que se pular aí dentro a gente vai parar no Japão?
- E tu, careca? Tá quietinho aí, por quê?
- Tá com medo do buraco?
- Tá com medo, tá com medo.
- Bora empurrar a velha no buraco?

MAZÉ – Tava andando pelo negrume e voltei sem saber que tinha ido. Vão precisar catar muita merda de pombo. O planeta é grande e a carne passa mal.

- Eu já tinha avisado que não queria ninguém aqui.
- Corre que são aqueles caras.

MAZÉ – Já disse que Mazé não corre.

- Mazé, vaza que vai dar merda.

MAZÉ – Mazé serpenteia!!

- Não bate não, tio.
- Não bate não é o caralho. Eu avisei.
- Taca pedra, taca pedra!
- Pega a velha também.
- Não bate não.
- Corre pro metrô!
- A velha sumiu.
- Olha lá o moleque careca fugindo.
- Pega.
- Filha da puta.

- Agora ele chora, desgraçado!
- Por mim pode matar todos.
- A velha também.
- Tá sempre arrumando confusão.
- Semana passada um deles roubou cordão de uma senhora.
- Mas não pode bater. É menor de idade.
- Queria ver se fosse com a tua filha.
- Mas é judiação.
- Tem que limpar a cidade dessas pestes.



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

MAZÉ – Poooooooooooooooouuuuuuuuu.

RADIALISTA – Gente, tenho que confessar que essas bolinhas são o maior barato. Sabe quando um mundo se abre sob seus pés? Pois é, tem gente que não precisa nem de Alertaína pra isso acontecer.

Toca o telefone.

RADIALISTA – Filha, papai não vai conseguir pegar você no balé hoje. Desculpa, tá? Tá um trânsito danado. Não. Filha, papai tem que trabalhar dobrado hoje pra ganhar dinheiro e poder te dar uma sapatilha nova. Não, não. Papai não vai poder te buscar porque...

Radialista atende. Desliga. Vira uma caixa de Alertaína goela abaixo.

SEREIA – Larghissimo 19 BPM.

MAZÉ – Tá tudo torto lá pra cima. Os discos voadores é de debaixo que vêm. Tão empurrando Mazé pelo caracol todo. Então... serpenteia pra baixo. Tentativa eu também, tentação vai pra longe, pra sempre. Vai ver. Botaram ferro pra serpente comer, que eu agora vou pro ninho dela. A barriga roncando, tá bem alto agora. Tudo que a gente não sabe onde tá, tá pra debaixo da terra. Num disse, tô vendo, 54 serpente, contei direitinho, Eu tô vendo... A tentativa é abusada. Então vou andar ao contrário mais um pouco.

SEREIA – Larghissimo 8 BPM.

MAZÉ – Aqui Mazé fica sossegada... Na toca da serpente ninguém mexe não. Mazé vai ficar quietinha aqui... quietinha... shiiiiiii!

SEREIA – Larghissimo 1 BPM.

SEXTO MOVIMENTO

SEREIA – Presto 180 BPM

- Faz três por dois!
- Não tem como.
- Ontem você fez.
- Mas hoje é diferen/

S

- Caralho
- Minha virgem santa! Socorre!
- O que tá acontecendo nessa cidade? W
- Tá caindo tudo.
- Não basta o chão explodir.
- Nunca vi tremedeira assim! E são sessenta e dois anos só nessa cidade!
- Segura minha mão. P
- Faz quatro pelo preço de três?
- Tênis estabilizador pra terremoto, quatro pelo preço de três!
- Passou já!
- Mas vai voltar! Melhor aproveitar a promoção! Quatro pelo preço de três! W
- Ai minha Virgem Santa!

/

A

Presto
BPM – 185



RADIALISTA – É sem receita, é sem receita, é sem receita é sem receita é sem receita.

RADIALISTA – Washington Turco, onde quer que você esteja, o senhor é um gênio.

RADIALISTA – Puta que pariu, o que que eu tô falando.

RADIALISTA – Ao persistirem os sintomas, tome mais quatro comprimidos.

RADIALISTA – Não vai dar. Eu nem consegui almoçar.

– Eu te disse que era a última coisa que eu ia te pedir e nem isso, nem isso/

RADIALISTA – Alerta arranca pela intermediária e tabela rápido com alerta. Avança pela esquerda e falta em cima dele. É o próprio alerta que vai bater. O goleiro alerta tá por ali alertando a barreira, correu alerta pra a bola, chutou bateu e é gooooooooooção, é pírula, é pírula, é pírula, é comprimido, é drágea, é supositório, é mais um gol de alertaina.

Que absurdo.

– Eu te disse que era só hoje, mas não tem problema não. Fica aí nessa merda de rádio. A avó já está indo buscar a men/

RADIALISTA – Fica aí nessa merda de rádio. A avó já está indo buscar a men...

RADIALISTA – Cidade Alertaina, alerta da madrugada, alertá-tá-tá-total. Estamos e seremos sempre no ar. E agora sem música para atrapalhar. Somos eu, vocês e as nossas bolinhas.

RADIALISTA – Alô, a Lê tá aí? Alertaina. A ler tainá, alertatá tá me chamando.

RADIALISTA – Vocês souberam que hoje de manh

RADIALISTA – Não, agora não. Eu quero falar uma coisa séria...

RADIALISTA – Alerta geral, alerta geral, alerta geral, então alerta.

RADIALISTA – Para, por favor. (*Toma mais Alertaina*). A Alertaina age diretamente no cérebro, que é toda a parte gelatinosa do cérebro. O cérebro da gente é igual a um flan... Não, tá tendo um tremor, na cidade tod/

RADIALISTA – Ahhhhh-lertai-naaaaaaaa

Batidas na porta

RADIALISTA – Puta que pariu.

Procura alguma coisa em sua mesa.

RADIALISTA – Abre, é a polícia!

RADIALISTA – Liga pra ele, vó.

Toma mais Alertaína, continua procurando. O telefone toca. Batidas na porta.

RADIALISTA – Caros ouvidos, bacias lindas que sois e que recebem a voz cansada desse velho asteca. A gente é só silêncio e quietinhos assim ninguém vai nos pegar. Mas atenção com os vãos e os desvãos. É ali. A partir de hoje, meu berro combalido é só porque preciso abafar um som indigesto.

RADIALISTA – Ele não vai atender, vó?

RADIALISTA – Abre, é a polícia!.

RADIALISTA – Serei anulação de fases, e em todo silêncio haverá um som indigesto e a minha voz, anulando esse som. É nulo, nublado e fosco. Partamos para a parede de que somos parte. Cinza e violeta: a cidade é de quem dorme. Quem dorme acorda pra dentro.

Batida na porta. Telefone tocando. Batida na porta. Telefone tocando. Batida na porta. Telefone tocando.

RADIALISTA – O sonho é o aquário da noite.

O Radialista toma o resto dos comprimidos. E não atende nunca mais, nem telefone, nem a porta.

Garota da fita K7 está de capacete, máscara de gás, joelheira...



E de repente uma ossada de baleia emergiu na cidade

SEREIA – Presto 190 BPM

FILHO – Vim buscar a fita.

GAROTA DA FITA K7 – Ah. Oi. Vou pegar.

FILHO – Precisa do número?

GAROTA DA FITA K7 – Não. A sua é especial.

Garota pega a fita na estante.

GAROTA DA FITA K7 – Já pensou em ter que andar pelo tempo?

FILHO – Bastante.

TREMOR.

SEREIA – Presto 195 BPM

GAROTA DA FITA K7 – Coloca o fone de ouvido. Antes que o mundo acabe.

FILHO – Olvido.

GAROTA DA FITA K7 – Oi?

FILHO – Olvido quer dizer “esquecimento” em espanhol.

GAROTA DA FITA K7 – Passa tudo tão rápido que o ouvido da gente acaba virando olvido, mesmo.

FILHO – Sorte quando alguém deixa gravado de alguma forma. E quando alguém restaura isso.

GAROTA DA FITA K7 – Ouve.

Filho coloca o fone. Os dois se olham.

SEREIA – Lento: 45 BPM

FILHO – Só um assovio?

GAROTA DA FITA K7 – Um assovio pode ser muita coisa.

FILHO – Um assovio pode ser muita coisa. Que música será essa?

GAROTA DA FITA K7 – Posso mostrar um trecho do meu conto pra você?

A Garota liga o gravador e ouvem a sereia pulsando.

GAROTA DA FITA K7 – Os sinais estão por todos os lados. Às vezes, mais sutis, às vezes/

TREMOR

S E R E I A –

GAROTA DA FITA K7 - Ouve-se uma gritaria lá fora. Eles vão ver o que é. Pessoas apontam para o céu. Uma bola brilhante. Um sol em miniatura se aproxima da terra. Ela sorri. Ele olha para ela. Um clarão no rosto dos dois. Aos poucos, o semblante dela se esvai e se transforma numa massa triste. Em poucos segundos, o meteoro passou por cima deles e desapareceu. Ele não fala nada. Sem se despedir, ele vai. Entre a esperança e o desespero, como um pêndulo louco. Igual a ela. Igual a todo mundo.

Adagietto 66 BPM

SEREIA – Larghissimo 0 BPM

MAZÉ – Tá tudo bem. Desgruda de mim não. Não tem medo. Mazô. Bonitinha... Bonitinha... Nadando debaixo da terra que nem peixe-gente. É tu, então? Fala comigo tubarão.

CONDUTOR – Quem tá aí?

MAZÉ – Mazé.

CONDUTOR – Dona Mazé. Seja bem-vinda, chegou antes da inauguração, hein?



MAZÉ – Tu não é a cabeça da serpente de ferro?

CONDUTOR – Sou eu mesmo, Mazé.

MAZÉ – É tu mesmo.

CONDUTOR – E como Mazé veio parar aqui em baixo?

MAZÉ – Em volta do buraco tudo é beira. Eles tavam atrás. Não tinha jeito.

CONDUTOR – Achou bonita a bichinha?

MAZÉ – Nunca vi peixe em baixo da terra.

CONDUTOR – É uma ossada de baleia. Bonita, né? Quando a nossa serpente zarpar, a baleia vai subir e vai ser a saída da estação.

MAZÉ – Mas nunca vi tu assim. Sempre tá engomado que nem pinguim. Tu tá pretinho, pretinho... que nem carvão.

CONDUTOR – Aqui eu tô em casa. Mazé, olha só, isso aqui é pra gente. Vai ser um trem pra quem mora no final do caracol e vai cortar a cidade toda. Você vai poder andar à vontade e pagando barato, vai caber no bolso de todo mundo. E aqui pode ter violino, violão... Pode entrar com a roupa que quiser e é a noite toda. E não tem essa de falar estrangeiro não. Quem tiver conduzindo vai poder falar o que quiser... Sobre o que quiser.

MAZÉ – Mas tu tá dando muito susto lá em cima.

CONDUTOR – Lá em cima, as coisas se assustam por si só. Mas foi com boa intenção.

MAZÉ – Não é a intenção que vem debaixo, é a tentativa.

CONDUTOR – Isso.

MAZÉ – Então essa serpente não morde?

CONDUTOR – Essa não, Mazé...

MAZÉ – Mas olha!

CONDUTOR – Olha, vem comigo porque vai começar.

MAZÉ – Mazé quer ficar com a baleia.

CONDUTOR – Então segura firme nela.

TREMOR.

SEREIA: Prestísssimo 200 BPM

No centro da cerimônia, Mazé-Baleia, impávida.

- Que troço feio.
- Tu que não manja das artes.
- Não é estranho isso aí, do nada?
- Acho que não queriam criar expectativa.
- Nunca cumprem os prazos, né?
- Mãe, o que é aquilo?
- Sh, vai começar.



– Caríssimos cidadãos. Hoje é um dia muito importante. Depois de tantos eventos que ameaçaram a tranquilidade das nossas famílias, finalmente, retomamos a condução dos rumos da cidade. Em primeiro lugar, graças à eficiência da nossa segurança pública, prendemos hoje pela manhã o responsável por atos de vandalismo contra o espaço público, terrorismo e roubo de materiais das nossas obras. Em segundo lugar, é com muito orgulho que inauguramos, hoje, essa nova linha de metrô que vai integrar a cidade, atendendo à população que mais precisa e custando a metade do preço da passagem principal.

Aplausos.

- Esse é o meu prefeito!
- Me representa.
- Mãe, tem uma mulher ali.
- Mas ainda tá caro.
- Onde, filha?
- Ali!
- Metade de seis e cinquenta!
- Cadê a tesoura pra eu cortar a faixa?
- Para com isso, menina.
- Mas é verdade!
- Tá caro.
- Já chega!
- Três e vinte e cinco.
- Mas é uma mulher ali na baleia.
- Que baleia. Aquilo é só a entrada da estação.

SÉTIMO MOVIMENTO

SEREIA – Prestíssimo 300 BPM

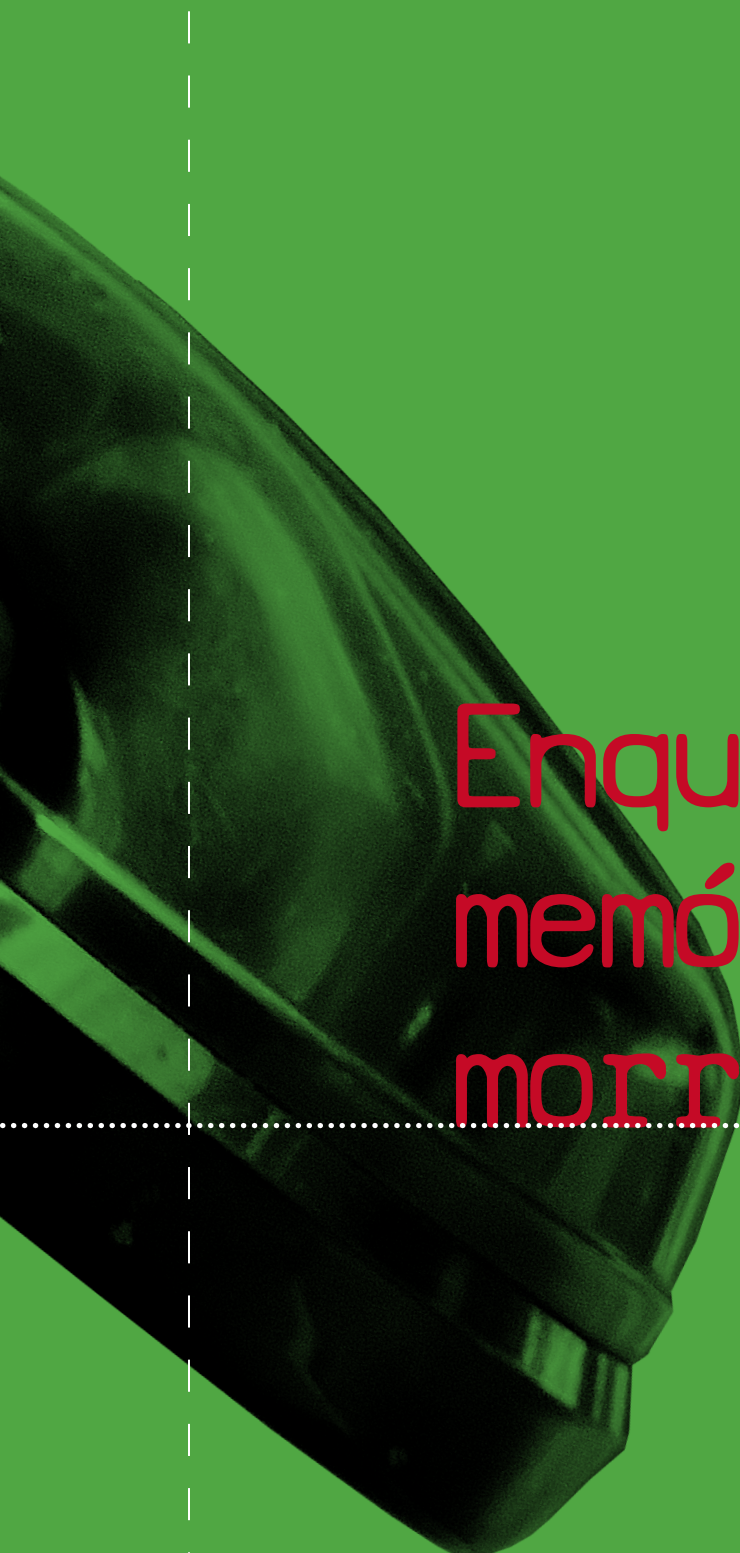
E, de repente, uma ossada de baleia emergiu na cidade.

SEREIA – Moderato 112 BPM

Mas ninguém viu.

FIM





Enquanto memórias morrem

Felipe Pedrini
Jorge Santos
Leticia Bueno Orcy



Enquanto memórias morrem

.....

PERSONAGENS

ELIAS

JAIR

MULHER

Jair aparece segurando uma caixa de música nas mãos. Perto dele, há duas caixas de papelão, dessas usadas em mudanças: uma está vazia, a outra está cheia de objetos. Mulher surge ao lado de Jair, pega a caixa de música e a deposita na caixa de papelão vazia. Ela retira um jornal de dentro da caixa cheia e o entrega a Jair. Ele agradece. Mulher some.

Jair começa a andar e para. Volta-se. A luz o cega e ele está em um buraco rodeado pela escuridão. Ele dá pequenos passos para frente, tentando enxergar. Tâteia a densa escuridão, cada vez mais desesperado. Dá mais um passo para frente e depois outro, e outro e de repente, tudo fica negro. Em um susto, vira o pé e some em um abismo profundo.

Um telefone toca. Elias entra, assustado. Soluça. Ele inspira profundamente e trava o ar dentro de si, mas não adianta, soluça. Tira um papel do bolso, todo amassado. O telefone continua tocando. Ele olha o papel. Soluça, trava a respiração. Soluça. Não passa! Som de sirene de um edifício-garagem. Despertador. Elias agita-se. Na caixa de papelão cheia, ele encontra um casaco, o sacode com força e o veste. Novamente, respira fundo e trava a respiração.

HOSPITAL

Jair está deitado na cama, dormindo. Mulher está ao seu lado massageando-o. Elias está sentado em uma poltrona.

MULHER

Eu queria que fosse mais fácil, menos... Como é mesmo a palavra? Penoso... Pesado... Queria que fosse menos pesado. Mais normal. Normal, não! "Normal" é uma palavra horrível. Desnecessária. Cruel. Queria é que as lembranças fossem concretas, não espaços tortos. É isso. As lembranças são ficção, criação, preenchimento!

Como é mesmo que as pessoas falam? "Parece um anjo dormindo". Ou ainda "A Morte disfarçada de sono". Eu queria poder cuidar de você. Acho que até você



preferiria que eu cuidasse de você. Mas, infelizmente, não dá. Há sangue demais entre a gente. Sangue demais. Talvez, se tivesse menos sangue entre a gente. Ou se não tivesse sangue nenhum. Talvez fosse tudo menos pesado, ou mais... normal. Normal, não! "Normal é uma palavra horrível. Desnecessária. Cruel.

Mulher some.

JAIR

Exagero te chamarem. Não foi nada! Um susto.

Elias pega o prontuário de Jair e tenta descobrir algo.

ELIAS

Que horas o médico disse que viria?

JAIR

Como te acharam?

ELIAS

Hoje em dia, não é muito difícil encontrar as pessoas. Quando se quer encontrá-las, óbvio...

JAIR

Eu não sei por que te chamaram. Pode ir embora.

ELIAS

Que horas o médico disse que viria? Não tenho muito tempo.

JAIR

Você sempre teve mais o que fazer, né?

ELIAS

Eu só queria entender porque me chamaram.

JAIR

Não mudou nada, egoísta como sempre.

ELIAS

É. Eu preferia que fosse um velório. Mas eu tenho que lidar com o que é.

JAIR

Eu sei me cuidar sozinho.

ELIAS

Lógico! Por isso que a gente está aqui.

JAIR

A sua maldita ironia. Você me dá... Você já pode ir. Não preciso de você aqui.

ELIAS

Ah, que bom! Que maravilha! Então eu já posso pegar as minhas coisas, sair por esta porta e nunca mais olhar a sua cara! Graças a Deus! Só que não posso! Se pudesse, nem teria vindo.

JAIR

Pode ir.

Elias e Jair dão-se as costas.

Elias tira um livro de dentro da caixa de papelão cheia, limpa-o e o coloca na caixa vazia.



ELIAS

De costas, deixo de te ver. Saio dos teus olhos e entro nos meus. Finalmente, crio meu próprio olhar. Crio um mundo onde você não está. E não faz falta. Mas nunca consegui te arrancar dos pensamentos, dos sonhos, de dentro. E acho que eu também estive o tempo todo aí dentro, não?

Elias sai.

Jair tenta levantar-se da cama, cambaleando.

Elias entra.

JAIR

Você não tem que vir aqui todo dia.

ELIAS

O que o senhor quer?

JAIR

Água. Eu posso pegar.

ELIAS

Acabei de falar com o médico. Você recebeu alta e temos que desocupar o quarto. Bebe logo, que a gente tem que ir.

JAIR

Se a doença é tão grave, porque eu não posso ficar internado?

ELIAS

Por causa dos cuidados de que necessita. A doença é grave pela degene...
Degeneração... (A palavra "degeneração" incomoda Elias)
É uma doença de convivência, ficar no hospital não vai te ajudar.

JAIR

Mas uma enfermeira, sim.

ELIAS

Mas uma enfermeira, a gente é quem paga, em casa.

JAIR

Eu não me sinto doente. Não assim, nesse ponto de não poder mais cuidar de mim. Isso é ridículo. Eu sou muito forte!

ELIAS

Um cuidador é caro. Clínica também.

JAIR

Clínica? De repouso? Era o que me faltava.

ELIAS

O senhor não tem esse poder de escolha.

JAIR

Mas o que é isso? Você enlouqueceu? Então, agora, eu fui julgado e condenado? São estranhos que vão me dizer como vai ser minha vida a partir de agora?

ELIAS

Ah, pois é! Muito ruim isso, né?

JAIR

Eu não estou doente. Decidiram isso.

ELIAS

Esse acidente aí, por causa do esquecimento. Por isso não dá para...



JAIR

É humano esquecer. O que é desumano é ter que encarar uma aberração.
Eu vou para minha... minha...

ELIAS

Casa! Eu sei, já entendi, mas só que não dá. É para minha casa que nós vamos.

Na casa de Elias.

MULHER

Você sempre se esforça por determinar o seu caminho.

ELIAS

Sei que nem sempre posso.

MULHER

Muita insegurança no caminho. Você vai tentando ser, desviando das culpas. Não das suas. Mas das culpas dos outros. Os outros.

Mulher some.

Elias vai até as caixas e pega um par de tênis, passa o pano neles. Jair senta na cama.

Elias tenta colocar os tênis em Jair, que desvia seu pé.

ELIAS

Colabora, pelo amor de Deus!

JAIR

Eu não quero caminhar!

ELIAS

São prescrições médicas. Já está difícil arrumar um tempo para tudo. Ajuda!

JAIR

Eu estou com fome. E cansado.

ELIAS

A gente acabou de tomar café da manhã.

JAIR

Eu não preciso de ajuda para amarrar o "cardaço".

ELIAS *(não contém o riso)*

É ca-dar-ço.

JAIR *(dá de ombros)*

Ah! Eu tenho Alzheimer. Eu não gosto das ruas daqui!

Uma sirene começa a tocar, vinda de fora, da rua.

Jair assusta-se.

JAIR

Ai, meu Deus do céu! Está vendo? Eu não quero morar aqui!

ELIAS

Está bem. Agora vamos. Levanta.

JAIR

Minha casa é muito melhor.

A sirene para de tocar.

JAIR

É o que isso? Bombeiro?



ELIAS

De novo? Já te expliquei o que é.

JAIR

Ambulância?

ELIAS

Não!

JAIR

Polícia?

ELIAS

Não!

JAIR

Podia ser polícia.

ELIAS

Tá. Vamos!

JAIR

Eu ia gostar mais se fosse polícia. Nos protege.

ELIAS

Eu estou vendo o que o senhor está fazendo! Está tentando me distrair. Por favor, colabora... Vamos que o senhor precisa tomar ar puro.

JAIR

Ar puro?! No centro da cidade?! Às dez da manhã? De segunda-feira?

ELIAS

Hoje é sábado.

JAIR

Não é não. Hoje é segunda-feira, eu tenho certeza, eu vi. Hoje é sábado?

ELIAS

Brincadeira. É segunda.

Jair volta para a cama.

ELIAS

Para que o senhor precisa saber que dia é hoje? Olha o tênis na cama!

Jair tenta cobrir-se e Elias o impede. Jair debate-se, derrubando a mesinha dos remédios, ao lado da cama. Elias abaixa-se para catar os remédios. O celular toca. É um alarme que indica "hora de remédio".

JAIR

Está vendo? Se a gente tivesse saído, ia perder a hora de tomar o remédio.

Elias olha na lista, acha o remédio da vez e dá para Jair, com um copo d'água.

ELIAS

É. Nada é por acaso.

JAIR

Eu vou ficar na minha cama, até você me levar de volta para minha casa.

Elias faz menção de falar.



JAIR

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa. Salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. *(Elias sai irritado)*. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas...

(Pausa)

Um dia, eu estava voltando do mercado com minhas compras. Vi você passar com seus colegas... de escola, eu acho. Vocês riam, brincavam... Eu fiquei parado, do outro lado da calçada, vendo vocês passarem. Acho que você não me viu. Risos e brincadeiras... Aqueles... "garotos". Aqueles moleques! Eu quase não te reconheci. Fiquei observando você passar. Saltitante... Eu senti... O que eu senti... Você não era mais... Eu percebi que você não era mais a minha criança. Você era uma pessoa completamente, absolutamente estranha! Nada do que eu conheci. Nada do que eu criei. Por que você não permaneceu do jeito que era antes? Não teria sido mais fácil? Ou... menos difícil?

A sirene volta a tocar, em um nível crescente e o som começa a se distorcer. Elias entra e é perturbado pela sirene ensurdecedora, contorce-se. Silêncio.

Jair tenta pegar um copo com suco. Deixa cair o copo, que se quebra. Elias assusta-se e corre para limpar.

ELIAS

Tudo bem! Tudo bem! É só um copo. É só um copo. Não tem problema. É bobagem.

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Normal...

JAIR

Que é bobagem. Não precisa ficar nervoso.

ELIAS

Não tem ninguém nervoso aqui. O senhor está nervoso?

JAIR

Me passa o suco?

ELIAS

Acabou. O senhor derrubou o último copo. Vou ter que fazer mais.

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Eu não quero ter filhos!

JAIR

Mas você pode ter filhos.

ELIAS

Está bem, Seu Jair. O senhor quer mais suco?

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Temos de laranja, limonada, limonada suíça, abacaxi, abacaxi com hortelã, maracujá, melão e manga.



JAIR

Mas você pode ter filhos.

ELIAS

Morango não tem. Está fora de época. Difícil encontrar morango fora de época.

JAIR

Se você tivesse tido filhos, veria que isso é normal.

ELIAS

Eu não quero filhos.

JAIR

Eu fui um bom pai.

ELIAS

Vou trazer outro de laranja mesmo.

JAIR

Eu fui um bom pai.

Mulher surge.

MULHER

Tem uma coisa que eu já te falei, mas você deve ter “esquecido”... Você nunca foi um pai para mim. Ou melhor, foi até determinada época, mas depois deixou de ser. Quando mais precisei de um pai, você não foi! Quando precisei de compreensão, você só me deu violência!

ELIAS

Você nunca foi um pai para mim.

JAIR

Você é um ingrato! Agora vai querer negar que fui um bom pai.

MULHER

Um bom pai não renega um filho!

JAIR

Você me envergonhava... Você me dava... Você virou um... Você... Ah... Nem sei mais!

ELIAS

O quê? Nojo? Eu te dava nojo? Eu virei o quê? Uma aberração? Um degenerado?

MULHER

Era essa palavra que você usava com a mamãe no quarto de vocês, não era? Você pensava que eu não podia escutar, mas eu ouvia as conversas de vocês.

ELIAS

Não! Era "degeneração"! Óbvio, não poderia ser "degenerado"... Degeneração! Pois o degenerado agora é quem cuida de você, o degenerado é quem vai limpar a sua baba e a sua merda!

Sirene ensurdecadora. Mulher some. Elias se contorce.

Silêncio.

ELIAS

No ano passado, eu fui à casa de um amigo, no seu bairro... Eu te vi, saindo da banca de jornal... Eu levei um susto. Como o senhor envelheceu. Caminhando já meio encurvado. Velho... Tão velho que quase não te reconheci. O mesmo hábito de ir todo dia até a banca comprar o jornal. Tomei cuidado para que o senhor não me visse, até me escondi atrás de um carro...



Por que eu não podia ser mais o seu filho? Por que eu não poderia ser quem eu finalmente tinha descoberto ser? O senhor era a pessoa a quem eu mais amava no mundo, e para quem eu mais mentia... Por que eu não poderia ser simplesmente eu? O senhor veio passando... Um estranho para mim. Eu não senti nada. Nada. Ou melhor, meu coração acelerou e eu não sabia direito o que eu sentia. Não era saudade, nem amor. Mas também não era raiva, ódio... Nada disso. Era um estranho que passava. Um estranho-conhecido.

Sirene tocando normal. Elias traz um copo de suco e o põe sobre a mesa, perto de Jair. Sirene para. Elias traz um jornal e o põe ao lado de onde Jair está sentado.

ELIAS

Seu jornal.

Jair olha desinteressado para o jornal e não o pega. Elias senta-se e começa a escrever algo no seu laptop. O interfone do apartamento toca e Elias atende.

ELIAS

Alô?... Oi, tudo bem?... Hmm... Não... Olha só... Agora não dá. Por que você não me avisou que estava vindo?... Não! É que estou meio ocupado agora, desculpa. Eu posso te ligar depois?... Está! Está tudo certo. Mas é que a casa está uma bagunça, eu estou meio indisposto e não é uma boa hora para receber visita... Não! Não tem ninguém aqui, não. Quê isso?... Na boa, não tem... Olha só, não tem porque eu mentir para você... A gente ainda está se conhecendo. Mesmo que eu estivesse com alguém aqui, isso não estaria errado, não é? Não tem nada de mais. Eu até poderia... Não! Eu só estou dando uma hipótese de que... Não tem ninguém aqui, já falei! Você não entendeu... Não precisa falar assim comigo. Eu estou conversando numa boa... Escuta, eu posso te ligar depois, daí a gente conversa direito? Hein? Alô? Ah!

Elias permanece parado, olhando Jair de longe.

Depois, volta a se mexer. Tenta retomar a escrita no laptop, mas logo se agita e se levanta de novo. Irritado e contrariado.

ELIAS

O senhor não vai tomar o seu suco?

Jair permanece olhando o jornal. Elias aproxima-se de Jair, nervoso, toma todo o suco de uma só vez e sai.

A sirene começa a tocar. Aos poucos, o som vai diminuindo e distorcendo-se, transformando-se na melodia de uma caixa de música. Jair detém-se, pensativo. Surge uma caixa de música antiga, com uma bailarina que gira.

JAIR

Eliane! Eliane, minha filhinha! Minha princesa! Minha garotinha! Que saudades de você, minha filha! Há quanto tempo que não te coloco no meu colo, não penteio seus cabelos... Papai vai fazer a sua festa de aniversário... Papai vai montar o balanço para os seus coleguinhas brincarem. A sua mãe vai terminar de fazer aquele vestido... Você vai ficar linda, minha princesa. Por que eu não te vejo direito, minha filhinha? Por que você vai sumindo da minha memória? Você... Você morreu há tanto tempo e eu não... Eu não sei mais o que eu vou fazer com o balanço... Eu já me esqueci de como seus cabelos eram macios... A cor exata dos seus olhos... Eu não quero me esquecer de você, minha filha, meu bem mais precioso... Papai te ama muito... Você vai ficar tão feliz com o balanço... Eu vou pintar ele do jeito que você desenhou... Eu só preciso achar as cores... Mas por que a sua cor foge de mim? Eu não queria que você morresse! Nunca! Eu queria que seus cabelos fossem infinitos, para que eu os penteasse e fizesse uma trança infinita nos seus cabelos, para que você nunca crescesse, nunca morresse... Mas eu... Eu não posso, minha filha. A única coisa que eu posso fazer é montar o balanço e... E fazer a sua festa. É isso que eu posso fazer. A sua mãe está tão atarefada,



arrumando tudo. Os doces... Os brinquedos... Você não deveria nunca esconder a cor dos seus olhos de mim... Nunca. Um pai nunca deveria esquecer a cor dos olhos de sua filha, de sua princesa...

A melodia da caixa de música vai dando lugar à sirene, que volta a soar.

Silêncio.

O telefone de Elias toca. Ele apressa-se para atender.

ELIAS

Oi... É, não deu, eu estou com um problema familiar... Não tenho. Quero dizer, é... tenho, ainda... Não, ninguém morreu. Mas, por favor, fala. Como foi?

JAIR *(olhando o jornal)*

Eu não entendo mais estes... Estas...

ELIAS

Cinco por cento? Que filhos da... Cinco por cento não cobre nem o dissídio!

JAIR

Criança ocupando escola... Desde quando criança... Ah! Que bobagem!

ELIAS

Então, é isso. Continuamos na luta.

Começa a tocar o despertador "hora de remédio" no celular de Elias. Ele desliga o despertador com dificuldade de ainda manter a ligação. Vai até a caixa de remédios e vê que ela está vazia.

ELIAS

O despertador. Olha, vou tentar, mas, sinceramente, não sei se posso ir... Pois é, está difícil... Não, eu não posso falar, agora... Tá, pode deixar. Valeu!

Elias desliga o telefone.

JAIR

Criança ocupando escola! Criança tem que ir para escola ter aula. E pronto.

ELIAS

As crianças não estão tendo aula.

JAIR

Como não?

ELIAS

É ocupação, posse, tomada do lugar, entende? Justamente, porque não estão tendo aula.

JAIR

Como assim? Alguém tem que ir lá dar... Essas crianças!

Elias pega o telefone para ligar para a farmácia.

ELIAS

Está bem, Seu Jair. Olha, seu remédio acabou. E estamos sem dinheiro.

JAIR

Por que você não vai trabalhar? Eu posso me cuidar. Você me trata como se eu já...

ELIAS

Não é por isso que estou sem dinheiro. É greve! Estamos em greve! Há muito tempo! Sabe há quanto tempo eu não recebo um pagamento do Estado? Os



salários estão atrasados. Como os professores vão para escola dar aula, se não conseguem se sustentar, pagar o aluguel?

JAIR

Que aluguel?

ELIAS

Ah... Deixa para lá. Eu vou dar um jeito. Mas a gente tem que comprar o seu remédio. E eu já sei que o meu cartão não vai passar.

JAIR

Eu tenho casa. Não preciso do seu aluguel.

ELIAS

Eu também tenho casa. Estou nela.

JAIR

Se você tivesse filhos, saberia a única coisa que um pai quer. O que um pai quer é deixar uma casa para os filhos. Quando se tem filhos, óbvio! Uma casa própria. Um porto seguro. Um lugar para onde suas crianças possam correr quando o mundo estiver sendo muito ruim com elas. Não uma casa alugada! Você tem casa alugada porque não tem filhos...

ELIAS

As crianças não correm mais, Seu Jair. As crianças ocupam escolas. Lutam! Elas não precisam mais se calar. Nem se esconder.

JAIR

Mas eu também não tenho filhos, certo? Não tenho mais... Então, também não preciso ter casa própria. Poderia ter uma alugada, como você.

A sirene toca. Jair assusta-se e começa a passar mal.

JAIR

Meu Deus! O que é isso? O que é isso?

ELIAS

É o edifício-garagem aqui do lado! Já falei! Toda vez vai ser isso, agora?

O despertador "hora de remédio" toca de novo, junto com a sirene, que continua. Elias desliga o alarme e larga o telefone. Elias esmaga a caixa de remédio vazia, com raiva.

Elias e Mulher estão embrulhando alguns objetos, com jornais antigos, e colocando-os nas caixas de papelão.

ELIAS

Eu não preciso me livrar de tudo.

MULHER

De tudo não, mas da maioria, sim. Já viu a casa do velho? Não tem mais espaço para nada lá... Tudo amontoadado.

ELIAS

Isso é um pesadelo... Eu ainda não acredito que... Bom, mas... Devagar eu vou limpando aquilo lá, abrindo espaço livre para mim... Para as minhas coisas.

MULHER

Voltar para aquela casa depois de tantos anos...

ELIAS

O que você faria?



MULHER

Como assim?

ELIAS

Você, no meu lugar, o que você faria? Você voltaria para casa do seu... Do seu pai? Você aceitaria isso? Você acha que fui um fraco? Que "desisti" cedo demais?

MULHER

Não, você não foi fraco... Se não dá mais, então, não dá mais. Não tem o que se fazer. Tudo isso... Foi uma... Sei lá... Uma fatalidade...

ELIAS *(Tentando desconversar)*

Olha isso aqui! Será que eu levo isso?

MULHER

Não, leva só o imprescindível para a casa do velho.

ELIAS

Mas será que essa mudança vai ser definitiva?

MULHER

Olha... Leva o menos possível das suas coisas para lá. Livre-se do que puder e o que você quiser guardar, peça para deixar na casa de um amigo... Sei lá! Mas não leve as suas coisas para se impregnarem com o ar, com a atmosfera de lá... É capaz de tudo apodrecer, perder a cor, a vida... Não vai ser fácil. Não é fácil para ele aceitar isso... Aceitar você assim...

ELIAS

Eu sou "assim"! "Assim" é como o filho dele é!

MULHER

Será que o balanço ainda está lá?

ELIAS

Que balanço?

MULHER

Nada...

Mulher some.

Jair entra. Vê Elias embrulhando algumas coisas com jornal.

JAIR

Meu jornal! Meu jornal!

ELIAS

Calma!

JAIR

Meu jornal!

ELIAS

É só jornal velho! Eu preciso para a mudança!

JAIR

Eu vou à banca comprar meu jornal.

Elias pega outro jornal, que estava separado em um canto. Coloca-o perto de Jair.

ELIAS

Calma! Eu já comprei o seu jornal. Você não pode ir à banca.



JAIR

Me sinto como se estivesse preso aqui.

ELIAS

Minha cabeça está explodindo. São muitas coisas.

JAIR

A sua tal liberdade.

ELIAS

Eu sou feliz aqui. Pelo menos, fui.

JAIR

Não me tire o direito de morrer na minha própria casa.

Jair sai.

Sirene volta a tocar. Distorção. Ensurdecedor. Elias em desespero. Pega alguns objetos embrulhados com jornal e os atira longe, com raiva. O barulho cessa. Elias vê um buraco em sua frente, rodeado pela escuridão. Elias prostrado e vencido. É engolido pelo buraco.

Na casa de Jair.

Melodia da caixinha de música. Mulher está ajeitando um vaso de flores.

JAIR

Eu só queria voltar para cá. Eu nunca deveria ter saído da minha casa. Eles não têm o direito...

MULHER

Isso aqui vai ficar tão lindo!

JAIR

Eu estou doente. Vou ficar cada vez mais doente.

MULHER

Só as cores que não são as ideais.

JAIR

Isto aqui, sim, é uma casa. Um lar, um porto seguro.

MULHER

Você está bem?

JAIR

Eu tenho saudades.

MULHER

Como está se sentindo?

JAIR

A minha filha daria uma boa mãe, uma boa esposa.

MULHER

Esta sua casa. Tão antiga, mas quase não reconheço. Está muito empilhada de coisas.

JAIR

Ela me faria feliz. Eu fui um bom pai para ela.

MULHER

Objetos demais.



JAIR

Agora eu vou ficar sem nada dentro... Um velho. Sozinho, sem ninguém. Nesta casa antiga...

MULHER

Memórias demais, sangue demais...

JAIR

Ele, não. Ele me dá nojo.

MULHER

Agora você está bem.

JAIR

Nunca foi e nunca será.

MULHER

Mas você está doente. Muito doente.

JAIR

Doente...

MULHER

Logo, não vai mais me reconhecer. Nem a mim, nem a ele...

JAIR

Ele...

MULHER

Por que você não gosta dele?

JAIR

Ele...

MULHER

Algumas coisas são o que são.

JAIR

Eles não têm o direito.

MULHER

Sempre foram e sempre serão.

JAIR

Condenado à velhice e à doença.

MULHER

Eu, por exemplo, não sou. Pelo menos, não mais.

JAIR

Isso aí vai ficar bonito.

MULHER

As cores é que não estão boas...

JAIR

Um pai sempre tem razão.

MULHER

Um pai nunca deveria abandonar um filho. Não importa como ele seja, o que ele faça.



JAIR

Um pai sempre é um pai.

MULHER

Um pai sempre é um pai. Um filho sempre é um filho. Sempre foram e sempre serão.

JAIR

Eu só queria voltar para a minha casa.

MULHER

A casa está amontoadada demais. Velha demais, lembranças demais.

JAIR

Um pai sempre é um pai.

MULHER

Sangue demais.

Elias sozinho.

Anda pela casa. Parece um animal assustado. Observa tudo cuidadosamente.

ELIAS

Um sonho... Muitos sonhos... A realidade é sempre uma ficção... Não! Os sonhos são sempre uma ficção... Ou são as memórias que são uma ficção?... A gente vai... A gente vai construindo. Reconstruindo! Recriando o que viveu, do que se lembra... Vai juntando os pedacinhos. Preenchendo o que não aparece, o que falha na memória. Ou aquilo que é muito dolorido para se lembrar... A gente vai preenchendo... A mesma casa. Sempre a mesma casa. Eu nunca sonho com outro lugar tanto quanto com a casa da minha infância... Sempre a mesma casa! Ou será

que era outra? Que era... Diferente? Será que eu consigo me lembrar de tudo? Ou terei que reconstruir paredes e janelas? Reconstruir sonhos e pesadelos! Histórias e sangue! Muito sangue... Há sempre sangue demais levantando estas paredes e janelas. É sempre a mesma casa que aparece nos meus sonhos.

Elias está adormecido sobre uma poltrona.

É acordado com gritos de Jair, que procura alguém pela casa. Jair vai de um lado para outro e parece não notar a presença de Elias.

JAIR

Eliane! Eliane! Onde você está?

ELIAS

Eliane?

Elias levanta-se, vai para um canto e observa de longe Jair.

JAIR

Eliane! Onde essa menina foi parar? Ela estava brincando aqui agora há pouco... Eu tenho que achar a Eliane. Essa menina não pode... Ela... Ela estava brincando aqui agorinha... Ela estava aqui. Acho que ela foi para o quintal... Eliane! Ela está no quintal. Eu sei que está. Vai ficar brincando no escuro?

Jair para e permanece estático. Volta a andar, mais calmo. Senta na poltrona. Pega o jornal e tenta lê-lo. Elias aproxima-se de Jair.

ELIAS

Seu Jair.

Jair não responde. Permanece lendo o jornal.



ELIAS

O que senhor estava fazendo há pouco?

JAIR

Aqui...

ELIAS

Não. Não perguntei onde o senhor estava. Perguntei o que o senhor estava fazendo.

JAIR

Aqui!

ELIAS

Mas fazendo o quê? O que o senhor estava fazendo?

JAIR

Ah... O jornal. Estava... com o jornal.

ELIAS

Mas esse é o jornal de ontem. O senhor já leu. Toma aqui o jornal de hoje.

JAIR

Ah...

Toca o despertador "hora de remédio". Elias leva o remédio e um copo d'água para Jair, que toma e depois volta a olhar o jornal.

ELIAS

O senhor... Ainda pensa na... O senhor... É... O senhor se lembra da Eliane? Ainda pensa nela?

Jair permanece em silêncio.

ELIAS

O senhor se lembra de como a Eliane era?

Jair irrita-se. Larga o jornal e começa a se agitar.

ELIAS

O senhor se lembra de...

JAIR

Não! Ela morreu...

ELIAS

Sim, mas o senhor ainda pensa nela?

Jair levanta-se. Olha Elias com raiva e sai. Elias permanece em silêncio, pensativo. Depois, vai até seu computador. Escreve coisas, lê, parece pesquisar algo.

ELIAS

Passado...

Memórias...

Fixação...

Ausência do presente...

Vivendo no passado...

Lembranças...

Anormal...

Inadequado...

Passado...



A sirene volta a tocar, mas como um som antigo e distorcido, de rádio ou de uma vitrola.

ELIAS

Como se...

Lembrança de pessoas do passado...

Como se...

Fixação...

Não realidade no presente...

Passado...

Lembranças...

Pessoas...

Como se...

Não vive o presente...

Ausência...

Lembrança de pessoas do passado...

Pessoas...

Pessoas...

Pessoas...

O barulho cessa. Elias sai e volta com um monte de roupas.

ELIAS

Vamos dobrar essas roupas?

JAIR

Não quero.

ELIAS

É um exercício de atenção e coordenação.

JAIR

É coisa de mulherzinha.

ELIAS

Não. É um trabalho como outro qualquer.

JAIR

Eliane sempre largava as roupas pelo caminho. Eu brigava com ela.

ELIAS

Agora é o senhor que não deixa nada no lugar.

JAIR

Mas bastava ela sorrir para eu me acalmar. Era uma menina esperta, agitada. Minha princesa. Quando eu estava em casa, ela... Eu gostava de brincar com ela.

ELIAS

Não. Olha o que o senhor fez! Está embolando tudo! Tem que separar!

JAIR

Ah, tá bom assim!

ELIAS

O senhor pode fazer melhor. Assim... Devagar.

JAIR

De-va-gar.

ELIAS

Isso. Muito bem!



JAIR

Sinto saudades.

ELIAS

Esse tempo passou. Eliane morreu.

JAIR

Menina! Eu não te disse que você não podia ir! Você só faz o que quer!

Elias embarca nas lembranças de Jair.

ELIAS

Ela só queria se divertir um pouco.

JAIR

Eu disse que ela não podia ir!

ELIAS

Ela não fez nada de errado. Foi a uma festa, com uma amiga.

JAIR

Não podia!

ELIAS

Mas ela se comportou e voltou cedo para casa.

JAIR

Não gosto dessas amizades dela.

ELIAS

São apenas adolescentes querendo se divertir...

JAIR

Eu sei o que falam por aí...

Mulher surge.

MULHER

Não importa o que falam. Eu tenho as minhas escolhas. Só me importo com elas.

JAIR

Você é apenas uma menina, não conhece a vida. Não sabe de nada.

ELIAS

Eu estou aprendendo.

JAIR

Moleca! Está me desafiando?

MULHER

Não, pai. Estamos conversando. O senhor não precisa se alterar.

JAIR

Enquanto você estiver nessa casa, tem que me obedecer.

ELIAS

Eu só fui me divertir um pouco. Encontrar uns amigos.

JAIR

Vou te ensinar a me respeitar!

ELIAS

Seu Jair? Calma. Seu Jair? É seu amigo que está aqui.



Jair estanca.

Como no início, Jair carrega a caixa de música, e a Mulher segura um jornal. Jair entrega a caixa de música para a Mulher. Mulher entrega o jornal a Jair.

JAIR

Hospital. Uma mãe leva seu bebê para tomar as primeiras vacinas.

MULHER

Escola. Uma criança decora seu cartão de dia dos pais.

ELIAS

Quarto, de noite. Um adolescente chora em sua cama até dormir.

JAIR

Um presente é embrulhado. Papai Noel. Coelhinho da Páscoa.

ELIAS

Uma surpresa no jardim.

MULHER

Um carinho.

JAIR

Um afeto.

ELIAS

O mesmo sangue.

MULHER

Sangue demais. Há sangue demais entre a gente.

ELIAS

Eu queria que não tivesse tanto sangue entre a gente... Seria mais fácil, ou menos...
pesado...

JAIR

Eliane! Eliane!

MULHER

O que foi, pai?

JAIR

Onde você está, minha filha?

MULHER

Pai, se acalme. Eu não estou brincando no jardim. Não no escuro. Já voltei para casa.

JAIR

Eliane!

MULHER

Já voltei para casa, pai. Está tudo bem.

ELIAS

Ele só se lembra de você. De mim, não.

JAIR

Minha filha! Eliane!

ELIAS

Seu filho! Elias!



MULHER

Ele não vai te aceitar. Está tudo bem.

ELIAS

Algumas coisas são o que são. Sempre foram e sempre serão.

JAIR

Eu não tenho filho.

MULHER

Pai, não!

ELIAS

Eu não sou mais a sua menininha... Não mais. Agora eu sou um homem.

JAIR

Eu não tenho filho.

ELIAS

Um homem! Eu sou um homem! Homem!

MULHER

Ele nunca vai te aceitar. Está tudo bem. Tenha compaixão.

ELIAS

Eu não sou sua filha! Sou seu filho! Um filho! Um homem!

JAIR

Degeneração.

MULHER

Algumas coisas são o que são.

JAIR

Um homem nasce homem. Uma mulher nasce mulher.

MULHER

Algumas coisas são o que são.

JAIR

Não tem como mudar.

ELIAS

As coisas são o que são.

MULHER

Degeneração?

JAIR

Não há trocas.

MULHER

Então, eu sou uma... Um... Eu não sou mais uma mulher? Eu sou um homem?

JAIR

Um homem? Nunca! Sempre foi uma mulher. Sempre foi e sempre será!

MULHER

Eu não sou mais Eliane! É isso! Eu sou um homem! Eu sou Elias!



ELIAS

Eu não mudei. Eu sempre fui um homem. As coisas são o que são. O corpo não é nada. O sexo não é nada. O que importa é...

JAIR

Degeneração!

MULHER

Degeneração?

ELIAS

Não!

Melodia distorcida da caixinha de música.

Jair está em sua cama, suado. Mais debilitado, já não se parece com ele mesmo.

Há muita doçura em seu ser.

Elias entra igualmente suado e liga um ventilador em frente a Jair. Pega um pano molhado e o passa no pescoço e na testa de Jair.

ELIAS

Invadiram durante a madrugada. Arrancaram as crianças lá de dentro. Filmaram tudo. O povo está se acostumando a ver professor empurrando os escudos da tropa de choque. Apanhando. Os primeiros salários que eles cortam são os nossos. O professor e o escudo. Vou escrever uma crônica. Essa imagem explica uma nação.

JAIR

Acabou a guerra.

ELIAS

Guerra? Eu disse guerra? Não! Greve! Acabou a greve. Volto a trabalhar segunda.
O senhor sabe quem eu sou?

JAIR

Sei.

ELIAS

Quem?

JAIR

Pandolfo.

ELIAS

Seu amigo? Seu amigo Pandolfo? Aquele feioso?

Jair balança a cabeça consentindo. Ri.

ELIAS

O senhor está me zoando, né? Alzheimer, Alzheimer coisa nenhuma, está é me zoando!

JAIR

A Eliane chega hoje.

ELIAS

Ela chega, é? Hum. Dela o senhor se lembra. De mim, que estou aqui cuidando do senhor, o senhor não se lembra, não, né?



JAIR

Pandolfo.

Elias, com raiva, joga o pano longe.

ELIAS

Pandolfo! Elias! E-li-as! Seu filho! Seu único filho! Não sou o Pandolfo! Não sou aquele horroroso! Já até morreu! Você acha o quê? Que o Pandolfo ia ficar aqui, cuidando do senhor? O senhor é cruel! O senhor é muito cruel! Sempre foi e sempre será! Até morrer! Até morrer! Cruel! Cruel comigo! Cruel com quem te ama.

JAIR

Cruel. Cruel!

Jair dá um tapa em Elias, que congela em silêncio.

Elias vai buscar o pano, senta-se no chão e passa o pano na própria nuca.

ELIAS

Eu estou sendo cruel. Eu é que estou sendo cruel. Porque o senhor se lembra, sim, de mim. Se tem alguém que o senhor se lembra, é de mim! Se tem uma pessoa que ficou, firme, aí na sua memória, fui... *(soluça)* eu! Na sua memória, nem que seja apenas como Eliane. Que deixava o senhor bravo, porque ela gostava de andar sem blusa em casa. Mas nesse calor? Quem aguenta ficar de blusa nesse calor?

Elias tira a sua blusa e para em frente ao ventilador. Aparece a cicatriz da mastectomia. Sai.

JAIR

A Eliane chega hoje. A Eliane chega hoje. A Eliane chega hoje.

Jair permanece sentado, apenas endireita a coluna e grita.

JAIR

A Eliane chega hoje?

Elias entra.

ELIAS

Eita! Não morro tão cedo.

JAIR

Isso é hora de uma menina chegar em casa?

ELIAS

A viagem foi ótima. Que bom que o senhor perguntou, pai.

JAIR

Você não tem aula amanhã?

ELIAS

Tenho. Amanhã.

JAIR

E chega em casa a essa hora?

ELIAS

Ah, tá! Não estou na hora para aula de amanhã! Meu Deus do Céu!

JAIR

Você precisa estudar! Estudar! Senão, não vai sobreviver neste mundo.



ELIAS

O senhor quer ver meu boletim?

JAIR

Que boletim? Essas escolas são uma porcaria.

ELIAS

Então, qual o problema?

Mulher surge, vestindo roupas andrógenas e largas.

JAIR

Outra coisa: que roupas são essas? Isso são modos para uma menina se vestir?

ELIAS

Não! Não são modos para uma menina se vestir! São modos para "eu" me vestir. São os "meus" modos!

JAIR

Menina!

Jair ameaça bater, mas se detém.

JAIR

Ah!

MULHER

Fala! Por que você não fala o que te incomoda?

ELIAS

Fala que eu não virei a menininha que você sempre sonhou. Fala!

MULHER

Fala que o problema é o meu cabelo.

ELIAS

A minha roupa.

MULHER

O meu jeito de andar!

JAIR

Cala a boca! Sai daqui!

Elias vai em direção ao quarto.

JAIR

Não! Para o quarto, não! Você vai embora! Pra rua!

Elias detém-se, assustado.

JAIR

E quando o mundo terminar de te mastigar e te cuspir de volta...

MULHER

Ou deveria ser... "Eu estarei aqui, minha filha. Eu vou te esperar com um quarto lindo, com um guarda-roupas cheio de vestidos floridos e uma caixa de música de bailarina".

Melodia da caixa de música distorcida.

ELIAS

Eu vou mesmo!



MULHER

Eu vou mesmo...

Mulher pega a mochila e some.

Jair e Elias parados frente a frente. Jair urinou nas calças.

ELIAS

Ah, pai!

Jair encolhe-se, envergonhado.

ELIAS

Não. Está tudo bem. Desculpa. Está tudo bem, pai. A gente troca a roupa. É bom.

Elias começa a trocar a roupa de Jair, de maneira lenta. Há certa humilhação para Jair.

Tudo ocorre como se fosse um ritual.

Ao longo da troca de roupa, Jair começa a rezar, como se estivesse sozinho.

JAIR

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa. Salve! A vós
bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando
neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa...

Jair não consegue se lembrar da continuação e começa a se inquietar.

Sofre com isso.

JAIR

Eia, pois, advogada nossa... Advogada nossa...

Elias fica com pena de Jair. Mulher surge.

Os dois passam a ajudar Jair, que repete o que eles falam.

MULHER

Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei...

JAIR

Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei...

ELIAS

E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus...

JAIR

E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus...

MULHER

Bendito fruto do vosso ventre...

JAIR

Bendito fruto do vosso ventre...

ELIAS

Ó clemente...

JAIR

Ó clemente...

MULHER

Ó piedosa...



JAIR

Ó piedosa...

ELIAS

Ó doce e sempre, Virgem Maria.

JAIR

Ó doce e sempre, Virgem Maria.

ELIAS

Rogai por nós Santa mãe de Deus...

Daqui em diante, Elias e Mulher esperam que Jair repita, mas este não mais repete, seguindo em silêncio.

MULHER

Rogai por nós Santa mãe de Deus...

ELIAS

Rogai por nós Santa mãe de Deus, para que sejamos dignos da promessa de Cristo.

MULHER

Amém.

Elias terminou de trocar a roupa de Jair.

Ele começa a levar Jair para a sua cama.

Neste trajeto, há uma gradação de tempo, meses se passam. A passagem de tempo é visível a partir da evolução da doença no corpo de Jair.

No final do trajeto, Jair não consegue mais andar e Elias pega-o no colo para colocá-lo na cama. Elias coloca Jair deitado de lado.

Mulher some.

Em seguida, Elias deita na frente de Jair, em posição fetal.

Depois de uns instantes, aparece a mão de Jair, vinda de trás de Elias.

Jair acaricia a cabeça de Elias.

FIM

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA

Presidente do Sistema FIRJAN

ALEXANDRE DOS REIS

**Diretor Regional do SENAI-RJ e Diretor
Superintendente do SESI-RJ**

LUIZ ERNESTO DE ABREU GUERREIRO

**Diretor de Saúde Integrada e
Sustentabilidade**

ANTENOR JOSÉ DE OLIVEIRA NETO

Coordenador de Cultura e Arte

FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Orientadores: Diogo Liberano, Marcia Zanelatto e Walter Daguerre

Banca julgadora: Alessandro Martins, Marcio Abreu e Vinicius Arneiro

Diretor das leituras dramatizadas e do espetáculo vencedor: Fabiano de Freitas

Realização: SESI Cultural

PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 2015/2016

Andressa Hazboun

Dani Rougemont

Felipe Pedrini

Gabriel Barros

Gabriela Giffoni

Glauco Oliveira

Helena Schoenau

Jorge Santos

Leticia Bueno Orcy

Louise de Lemos

Luiz Henrique Duarte

Maria Queiroz Azevedo

Pablo Kaschner

Pedro Leal David

AGRADECIMENTO ESPECIAL

O SESI Cultural agradece a todos que participaram e fizeram do Núcleo de Dramaturgia um sucesso, em especial aos orientadores, diretor, palestrantes, atores convidados que encenaram as leituras dramatizadas, Casa Rio e equipe do SESI Rio.

FICHA TÉCNICA PUBLICAÇÃO

Projeto gráfico e diagramação:

Flávia da Matta Design

Impressão: Walprint Gráfica e Editora Eireli

